



NA LUZ DA MEDIUNIDADE

OS MORTOS VIVEM E SE COMUNICAM

THEREZINHA OLIVEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

É possível a comunicação com os espíritos? O que devemos pedir? Quando e por que conversar com o Além? É certo ou errado querer falar com os espíritos? E as profecias?

Essas e outras perguntas são tratadas nesta nova obra de Therezinha Oliveira de forma clara e direta, embasadas na Doutrina Espírita e em textos do Velho e do Novo Testamento.

Condenado principalmente pelas religiões cristãs, o intercâmbio mediúnico é uma verdade que se impõe nos nossos dias, sem perseguições nem condenações, mas que exige, para o seu triunfo, muita responsabilidade e conhecimento.

www.allankardec.org.br

Na Luz da Mediunidade

(Os mortos vivem e se comunicam)



MARIA SILVA

CLEMA

Clube do Livro Espírita-Mensagem de Amor
Visconde de Icó, 758 - Bairro Eliery
CEP 60320-640 - Fone: 3243 7786

THEREZINHA OLIVEIRA

SOCIEDADE ESPÍRITA
JOÃO DE DEUS
RUA DO JANGADEIRO S/N
M. BRANCO - BEBERIBE - CE 8140.8194

Na Luz da Mediunidade

(Os mortos vivem e se comunicam)

MARIA SILVA



Campinas-SP
2007

Na Luz da Mediunidade
(Os Mortos Vivem e se Comunicam)

Ficha Catalográfica Elaborada pelo
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O52n

Oliveira, Therezinha, 1930.

Na luz da mediunidade/Therezinha Oliveira. Campinas, SP:

Allan Kardec, 2006.

144 p. ; 21cm

ISBN: 85-87715-88-7

1. Mediunidade. 2. Espiritismo. I. Título

06-2986

CDD 133.91

CDU 133.9

1ª edição - 4.000 exemplares - novembro/2006

2ª edição - 4.000 exemplares - janeiro/2007

© Copyright by Editora Allan Kardec

Capa: Cristina Meira

Quadro de Albert Bierstadt (1830-1902)

Fotolitos da capa: ArtScan (São José do Rio Preto - SP)

Editoração eletrônica: Josué Luiz Cavalcanti Lira

Revisão: Ademar Lopes Jr.

Todos os direitos desta obra estão reservados à

Editora Allan Kardec (Centro Espírita "Allan Kardec)

CNPJ: 46.076.915/0007-77 IE: 244.119.654.117

Av. Theodureto de Almeida Camargo, 750 - Vila Nova

13075-630 - Campinas - SP

Fone/Fax: (19) 3242-5990

www.allankardec.org.br - editora@allankardec.org.br

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita desta Editora.

O produto desta obra destina-se à manutenção das obras sociais do Centro Espírita Allan Kardec, de Campinas, SP.

Impresso no Brasil - Printed in Brazil - Presita en Brazilo

Sumário

1. Vida, Sempre Vida!

| | |
|-----------------------------------|----|
| A vida é um mistério | 1 |
| O temor da morte | 2 |
| Vida paralela à vida | 3 |
| Haverá vida antes da vida? | 5 |
| As lembranças espontâneas | 6 |
| E as lembranças provocadas | 7 |
| Haverá vida depois da vida? | 8 |
| A vida de novo na vida! | 15 |
| Conclusão geral | 19 |
| Vida, sempre vida | 21 |

2. Conversando sobre a Morte

| | |
|--|----|
| O medo de morrer | 23 |
| Morreu, acabou | 24 |
| E se a vida não acaba com a morte? | 25 |
| A versão espírita da morte | 29 |
| O despertar no Além | 32 |
| A ajuda espiritual aos desencarnados | 33 |
| A situação no Além | 34 |
| A recuperação dos caídos | 35 |
| Os espíritas e a morte | 36 |
| Antes que a morte aconteça | 37 |

| | |
|--|----|
| Deus nos dê uma boa morte! | 39 |
| Ante os que partiram | 41 |
| 3. Prece: Telefone para o Além | |
| Por que não oramos? | 45 |
| A chamada é nossa | 46 |
| Para que orar? | 46 |
| Orar seria desnecessário? | 47 |
| Como a oração funciona | 48 |
| Os limites da oração | 49 |
| A prece intercessória | 51 |
| Natureza e forma da oração | 52 |
| O que faz a prece ser atendida | 55 |
| Saber pedir | 57 |
| Oremos quanto ao que pode vir de | |
| nós mesmos | 58 |
| Oremos quanto ao que possa vir de fora | 59 |
| Orai pelos que vos perseguem e vos | |
| maltratam | 59 |
| Oremos! | 60 |
| Prece! Um ato de amor | 61 |
| Um ato de contrição | 61 |
| Um ato de reconhecimento | 61 |
| 4. Não Desprezeis as Profecias | |
| Que é um profeta? | 63 |
| É possível predizer o futuro? | 66 |
| A teoria da presciência | 68 |
| A presciência dos espíritos | 70 |
| As revelações dos espíritos | 71 |
| Por que não nos revelam os espíritos tudo | |
| e sempre? | 73 |

| | |
|--|-----|
| Dificuldades na previsão do futuro | 74 |
| Jonas e a profecia que não se cumpriu | 75 |
| A forma de apresentação | 77 |
| Falsos profetas | 78 |
| Como reconhecê-los, para evitá-los? | 79 |
| A indispensável função dos profetas | 81 |
| | |
| 5. A Mediunidade: de Moisés a Jesus | |
| Ser espírita | 85 |
| A Bíblia | 87 |
| A proibição do intercâmbio | 89 |
| Os desvios na prática mediúnica | 91 |
| Por que Moisés proibiu o intercâmbio mediúnico? | 93 |
| Jesus e a mediunidade | 95 |
| A mediunidade entre os apóstolos | 97 |
| Paulo orienta a prática mediúnica | 101 |
| Mediunidade e caridade | 104 |
| | |
| 6. Mediunidade e Evangelho | |
| Quem são os comunicantes? | 111 |
| Maus espíritos à luz do Espiritismo | 114 |
| Manifestações espirituais no Evangelho | 117 |
| Os anúncios dos anjos | 117 |
| Comunicação espiritual em sonhos | 119 |
| O Espírito Santo sem mistério | 119 |
| A mediunidade de João Batista | 121 |
| Jesus, um médium? | 123 |
| Fenômenos anímicos de Jesus | 123 |
| Fenômenos produzidos com ajuda de espíritos | 125 |
| A transfiguração | 127 |

| | |
|---|-----|
| A derradeira manifestação espiritual junto a Jesus | 129 |
| Manifestações de Jesus como espírito | 129 |
| Jesus e a mediunidade dos discípulos | 130 |
| Os cristãos e a mediunidade | 132 |

Vida, Sempre Vida!

A vida é um mistério

Fascinados, os meninos observavam a tartarugui-nha verde que se movimentava lentamente sobre o solo. De vez em quando, um deles tocava a sua cabecinha e ela se encolhia toda na pequena carapaça, para depois, timidamente, experimentar se o caminho estava livre e continuar sua trilha. O seu dono comentou orgulhoso, para os outros meninos:

— Ela não é movida a pilha. Nem por controle remoto. Só está viva!

Que fascinante é a vida! Um fenômeno de beleza, mistério e encantamento, que só reconhecemos na animação da matéria, observando o movimento e comportamento dos organismos dos seres.

Biologicamente, não há definição para a vida. No ser humano vivo, o organismo está em movimento, há dinâmica celular, células se repartindo, material genético em funcionamento, produção de proteínas... Ocor-

rendo a morte, tudo cessa. Como um relógio em que a corda acabasse. As peças ainda lá estão, mas agora o corpo tende à decomposição, à desagregação.

Qual será a “corda” da vida? O que mantém e assegura a estrutura e o movimento no ser vivo? É o espírito, a essência imortal, que, ao encarnar, haure pelo seu perispírito o fluido vital e se liga à matéria, desde a célula-ovo, estruturando o corpo e passando a animá-lo. Assim esclarece a doutrina espírita. Lamentavelmente, seu ensino continua marginalizado e não aceito.

Claude Bernard, célebre fisiologista francês do século dezanove, aconselha que não tentemos definir a vida, mas a estudemos como se apresenta. É o que se tem feito. Estudamos, da vida, as manifestações, o funcionamento, sem poder dizer o que ela é.

O temor da morte

Não falamos da vida por estarmos preocupados com ela, que nos é natural, conhecida. Porém, tudo que nasce e vive, morre. Se estamos vivos, um dia vamos morrer... Ah, a morte! Essa extremidade em que a vida desemboca e o desconhecido a que nos possa levar, é o que nos preocupa.

Ao longo do tempo, o ser humano tem feito tentativas de se tornar fisicamente imortal. Na Idade Média, alquimistas procuravam o elixir da longa vida e, recentemente, se falou em criogenização, processo desenvolvido

por um grupo de pesquisadores e que consiste em abaixamento lento e progressivo da temperatura corporal, até um nível bem inferior ao zero centígrado, e conservação dessas condições por tempo indeterminado. Se o progresso da ciência viesse a descobrir novas terapias e medicamentos para o mal que causara a morte, se faria o descongelamento e a retomada das funções orgânicas, para a aplicação do novo tratamento buscando a cura.

Chegaram a congelar pessoas, como o genial Walt Disney e, também, a menina Genevieve de La Poterie, que se encontra em subterrâneo de Los Angeles, a 79 graus célsius abaixo de zero. A menina não ficou viva, hibernando, pois não é permitido congelar vivos. Se estava morta, como poderia seu corpo morto reagir satisfatoriamente às novas terapias? Nada percebiam os seus pais, que, pela não aceitação da morte da filhinha, alimentavam uma esperança louca.

E a morte, como fim da vida, continua incompreensível, assustadora. Nem gostamos de falar nela, é impactante, impróprio, quase um "tabu". Pessoas bem educadas não a mencionam. Antigamente, dizia-se: moribundo. Depois: desenganado pela medicina. Atualmente: paciente terminal. Como se a mudança de nomenclatura alterasse a realidade!

Vida paralela à vida

Ao redor de 1930, na Duke University, em Durham, na Carolina do Norte, EUA, Joseph Banks Rhine

começou a apresentar resultados dos seus estudos dos fenômenos inabituais, usando um método quantitativo, a estatística.

Surgia, assim, a parapsicologia, um ramo da psicologia, uma ciência ainda em formação, mas que apresentou conclusão valiosa: **são reais os fenômenos de percepção extrasensorial** (como a clarividência, a telepatia, a pré e retrocognição) e a **psicocinesia** (a ação sobre a matéria sem contato aparente), classificando-se os fenômenos extrasensoriais em **psigama** (os de percepção) e **psikapa** (os de ação), ambos sem o concurso dos sentidos físicos.

Para explicar essa vida ao lado da vida, paralela à vida, a corrente espiritualista da parapsicologia, fala Rhine em causa extracorpórea, e Robert Amadou em causa sobrenatural, a vontade divina, anulando em certas circunstâncias as suas próprias leis. Na corrente materialista. Para Leonid L. Vasiliev, a causa não é nem extra-corpórea nem sobrenatural, mas capacidades inconscientes da criatura humana.

Fenômenos produzidos pelo próprio ser humano? Essa é a tese do **animismo**, de Charles Richet, na metapsíquica, tese que Ernesto Bozzano refutou em seu livro *O Animismo prova o Espiritismo*, demonstrando haver no ser humano algo que age **fora** do corpo, **independente** dele.

E não poderá agir **sem ele**? Essa é exatamente a tese espírita, de que o espírito existe, sobrevive ao corpo, continua a se manifestar neste mundo (por

médiuns), sendo o agente dos mais variados e intrigantes fenômenos.

Não ignoramos o fenômeno anímico. O ser humano pode agir por si mesmo, produzindo fenômenos de percepção e função extrasensorial, mas se espíritos influírem para isso, o fenômeno será mediúnico.

Entretanto, aceitam o animismo, mas continuam a negar a existência do espírito e sua sobrevivência ao corpo. Entendem que a vida paralela à vida existe, mas é apenas resultado da vida do corpo, desorganizado este, ela acaba. Permanecem condicionados à idéia de que a vida surge quando o corpo se forma e dele sempre depende, somente existindo enquanto o corpo estiver vivo.

E se o espírito já existia antes do corpo?

Haverá vida antes da vida?

Antes que no ventre de tua mãe fosses formado, eu já te conhecia; antes do teu nascimento, eu já te havia consagrado, e designado profeta das nações, ouviu o profeta Jeremias do seu instrutor espiritual. (Jer. 1:5)

Nessa passagem bíblica, há a afirmação da preexistência do espírito ao corpo. Jeremias não seria um ser especialmente criado por Deus com a predestinação para determinadas funções, mas alguém que já existia no plano espiritual e o Criador, conhecendo-lhe as qualidades, por isso o escolhera para aquela missão.

As lembranças espontâneas

Há quem se recorde de suas vidas anteriores, de pessoas e locais de antanho, bem como de costumes, vestuário, alimentação e atividades.

Essas lembranças espontâneas atraíram a atenção de estudiosos como o Dr. Hemendra N. Banerjee, do Departamento de Parapsicologia, da Universidade de Rajastan, Jaipur, na Índia, e o Dr. Ian Stevenson, do Departamento de Psiquiatria e Neurologia, da Universidade de Virgínia, nos EUA, que escreveu um dossiê sobre *20 Casos que Sugerem Reencarnação*.

Parece haver indícios de que essa lembrança não usual de existências anteriores ocorra quando a vida corpórea é interrompida abruptamente, como em acidentes ou assassinatos, deixando pequeno o espaço entre as duas reencarnações.

Nesses casos, talvez o perispírito ainda mantenha condições da vida anterior, impressionando o novo corpo e permitindo guardar algumas lembranças que transcendem o esquecimento providencial. Até sinais corpóreos do que sofrera o organismo anterior podem surgir, registrados agora como marcas de nascença.

Difícil, porém, é se conseguir a comprovação histórica ou legal dessa vida antes da vida, porque, se a lembrança disser respeito a figuras conhecidas e destacadas no conhecimento público, fica a suspeita de que seja apenas resquício de leituras prévias ou de sugestão. E,

quando se trata de pessoas sem destaque histórico, inexistem arquivos a seu respeito ou foram destruídos pelo tempo, em acidentes naturais ou guerras.

E as lembranças provocadas

Existe, também, a possibilidade de se utilizar a hipnose para obter a regressão de memória. Muitos são os pesquisadores atuais que a empregam, porque abre campo para curas de problemas psicológicos, como traumas, complexos e fobias, cujas causas estariam nesse passado mais remoto.

Não é uma terapia que se use indiscriminadamente, mas sem dúvida um tratamento possível e válido, que vence bloqueios, esclarece causas e abre novos horizontes na existência.

Essas lembranças provocadas podem chegar até a vida intra-uterina, constituindo a memória pré-natal.

E se fizéssemos regredir a lembrança mais para trás ainda? Impossível, seria apenas fruto da sugestão? Não o era, para as memórias da presente vida... E se o pesquisador agir com critério, evitando sugerir, apenas convidando a voltar? Se nada houver registrado lá atrás, nada será encontrado, principalmente se a pessoa for contrária à idéia de outras vidas.

Pesquisadores tentaram a experiência e a grande maioria dos seus entrevistados afirmou vida anterior!

Essas experiências ficaram gravadas em livros como *You have been here before* (Você esteve aqui antes) de Edith Fiore, doutora em psicologia, e *Life Before Life* (Vida antes da Vida), da psicóloga Helen Wambach.

Mais recentemente, o Dr. Morris Netherton criou um processo de regressão ao passado sem hipnose, em lucidez, denominado inicialmente Terapia de Vidas Passadas (TVP), atualmente, conhecida como Terapia de Regressão a Vivências Passadas (TRVP).

Nessas e em outras várias experiências, vemos a ciência buscando cercar a questão da vida, a realidade do ser (que transcende ao corpo) e constatando que o “eu” vivia antes deste corpo, não dependendo dele para existir na “vida antes da vida” e dele também não dependendo na “vida paralela à vida”.

E não poderá sobreviver ao corpo?

Haverá vida depois da vida?

No final do século passado (1969), a Dra. Elizabeth Kubler-Ross, psiquiatra, suíça de origem, que residia nos Estados Unidos, em Denver, Colorado, publicou o livro *On Death and Dying* (Sobre a morte e o morrer), resultado de seminários com o objetivo de estudar a morte e o que ela realmente significa.

Durante os estudos, surgiram-lhe casos, bem documentados, de pessoas declaradas clinicamente mor-

tas que retornavam à vida contando coisas interessantes, experiências que ela considerou como “*as mais gratificantes de minha vida*”.

Em 1975, o Dr. Raymond Moody Jr. publicou *Life After Life* (Vida depois da Vida), relatando suas experiências no mesmo campo.

Formado em filosofia, depois em medicina, na área da psiquiatria, o Dr. Moody Jr. pensava fazer filosofia da medicina, mas um fato ocorrido com um seu amigo o atraiu para os casos de experiências relativas à morte, dos quais estudou ele três tipos:

- o de **pessoas que quase morreram** (estiveram muito próximas da morte física por doença ou ferimentos graves);
- os **relatos de moribundos** (o que narravam enquanto morriam, enquanto a vida de seu corpo ia findando);
- os casos de **pessoas declaradas clinicamente mortas**, isto é, que sofreram parada cardíaca, perda de consciência e da respiração, mas conseguiram retornar à normalidade. Moody Jr. deu preferência ao estudo destes casos.

Experiências semelhantes foram feitas por outros pesquisadores, como o Projeto Theta da Psychical Research Foundation, da Duke University, sob a direção do professor G. Roll e vários colaboradores, entre os

quais Dr. Karlis Osis e Dr. Erlendur Haraldson. A denominação do projeto - "Theta" - vem da primeira letra da palavra grega *Thanatos*, que significa morte.

Em 1978, mais de 600 cientistas, psicólogos, psiquiatras e teólogos da Europa Ocidental e dos EUA, reuniram-se durante 5 dias para discutir se há vida depois da morte. Foi a 6ª Conferência Internacional da Imago Mundi, organização que tem sede em Innsbruck (Áustria) e investiga fenômenos psíquicos ou parapsicológicos de todos os gêneros.

As conclusões dessa conferência foram concordes nos pontos mais importantes encontrados nos relatos de morte clínica, a saber:

- a pessoa penetra em **túnel** escuro, percebendo claridade ao final, e depois **ouve vozes** transcendentes;
- sente que **flutua sobre o corpo**, observando, vendo e ouvindo a tudo e a todos, sem contudo poder mover o corpo e sem que as pessoas percebam sua presença e seus esforços de comunicação;
- **para lhe ajudar aparecem pessoas** não pertencentes a este plano de vida, conhecidas ou não, sempre de forma humana. Das amigas ou parentes que surgem, algumas a pessoa não sabia já estarem mortas, desencarnadas;
- **há recapitulação e análise da existência por finalizar** (espontânea ou induzida), muito rápida e vívida;

- o retorno lhes é ordenado ou “sentem” sua necessidade.

As objeções principais que se fazem a estes relatos são:

1) Essas visões seriam efeito de:

- **drogas** ministradas aos enfermos, como tratamento ou para suavização de suas dores;
- **escassez de oxigênio no cérebro**, enquanto o corpo luta contra a morte.

Esta objeção se refuta facilmente, porque as visões pelo efeito de drogas ou por escassez de oxigênio costumam ser violentas, aterradoras, desconexas, e as de morte clínica são profundas, coerentes, benéficas, tanto que, após elas, ocorrem conscientização, ajustamento, nova e melhor atitude das pessoas ante a vida.

2) Essas visões seriam apenas **processos mentais**, pois o corpo ainda estaria vivo, e o cérebro funcionando; depois, seria o nada. Objeção em que se percebe, ainda, a aceitação da vida paralela à vida do corpo, mas a dificuldade em aceitar vida independente do corpo, além, depois dele.

E também pode ser facilmente refutada. Simples processos mentais? Então deveriam refletir os condicionamentos sofridos pela pessoa, mas “As experiências do momento da morte são basicamente as mes-

mas, não importa qual seja a cultura, educação, sexo ou crença do indivíduo". (Dr. Karlis Osis, Revista Planeta, fevereiro/1977)

Até constituem surpresa para muitos pacientes, que nem acreditavam na imortalidade do espírito, ou não a supunham assim, acreditando que ficariam dormindo, aguardando um juízo final. E que dizer de experiências como a do cego que, durante essa vivência além do corpo, sentiu recuperada a visão, ou do aleijado que percebia ter sua perna intacta? *Estas experiências, diz o Dr. Karlis Osis, levam a crer que existe algo de concreto em termos de sobrevivência após a morte, e mesmo quanto a uma forma de estrutura social nessa sobrevivência.*

Esses relatos e testemunhos não são de todo inéditos, pois, em essência, concordam com informações espirituais e observações obtidas por médiuns, como as que Ernesto Bozzano registra em suas monografias *A Crise da Morte e Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte* (edições FEB).

Tanto moribundos como médiuns que tiveram visões sobre o desligamento do espírito em relação ao corpo, contaram que percebiam, flutuando sobre o corpo físico um outro corpo, semelhante ao organismo material na forma, porém mais brilhante, e a presença de espíritos amigos, ajudando o desencarnante.

O progresso da ciência vai fechando o círculo em torno da realidade do espírito, sua existência, transcendência e imortalidade, e conduzirá à aliança da

razão com a fé, da revelação espiritual com o conhecimento humano, da ciência com a religião.

Como exemplo, uma afirmativa dos espíritos a Allan Kardec, na resposta à questão 162 de *O Livro dos Espíritos* (2ª Parte, Cap. III, “Da Volta à Vida Espiritual”):

- *Após a decapitação, conserva o homem por alguns instantes a consciência de si mesmo? A pergunta dizia respeito à consciência que o supliciado pudesse ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos corpóreos e não como Espírito. A resposta foi:*

- *Não raro a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica se tenha extinguido completamente. Mas, também, quase sempre, a apreensão da morte lhe faz perder aquela consciência antes do momento do suplício.*

Assim foi a **revelação**, em abril de 1857. Vejamos, agora, a **comprovação científica** recente (*Planeta*, nº 96, set. 1980).

Estudos de dois médicos europeus, J. L. Brenner e J. Van Den Drieschede, concluem que um condenado à morte na guilhotina não morre no instante de sua decapitação, talvez possa continuar a pensar por algum tempo.

Eles fizeram testes de guilhotinamento em três ratanas, em cujo cérebro haviam ligado eletrodos, e

verificaram que, após a decapitação, nos trinta segundos requeridos para a perda total do oxigênio e sangue de seu cérebro, os eletroencefalogramas continuavam a registrar atividade cerebral.

De acordo com esses pesquisadores, o mesmo deve ocorrer com o ser humano, com a diferença de que, por sermos maiores, demoraremos mais tempo para perdermos todo o sangue e oxigênio, numa estimativa de sessenta a noventa segundos, confirmando a revelação dos espíritos a Kardec, feita mais de cento e quarenta anos antes!



O ser humano existia antes do corpo que hoje anima. Provam-no as lembranças espontâneas ou provocadas pela hipnose. É a **vida antes da vida**.

Age fora do corpo e independentemente dele. Provam-no as faculdades e funções PSI, extrasensoriais. É a **vida paralela à vida**.

Continua a existir depois do corpo. Provam-no os fenômenos que ocorrem na hora da morte e os casos de morte clínica com retorno à normalidade. É a **vida depois da vida**.

Desligado do corpo, para onde vai o espírito? Retoma a vida no plano fluídico (ou espiritual), que lhe é natural e onde atua com seu perispírito. É a **vida maior**.

E pode ressurgir, reaparecer em nosso plano, em diferentes graus: exercendo influência sobre encarnados (fatos mediúnicos), fazendo-se visível aos sensitivos ou em aparição a todos, ou se materializando (como na ressurreição, o ressurgimento espiritual de Jesus).

E não poderá, um dia, recomeçar tudo de novo? Encarnou uma vez, não poderá reencarnar outras vezes? Reencarnação...

A vida de novo na vida!

Aqui vão ter as pesquisas da Dra. Helen Wambach no seu livro já citado. Não ligada ao movimento espírita, mas como psicóloga, dotada de curiosidade inovadora, idealizou um questionário aplicando-o em 750 pessoas, em grupos diferentes. Valemo-nos dos comentários feitos por Hermínio C. Miranda (*Reformador*, maio/1980) e que resumimos.

- Alguém ajudou você a escolher as condições desta vida?
- Em caso positivo, qual sua relação com esse conselheiro?

As respostas confirmavam: sempre houve “conselheiros” e quase sempre eram atendidos.

- Como você se sente ante as perspectivas de viver essa próxima existência?

Os objetivos eram: realizar tarefas, aperfeiçoar-se; conhecer melhor os outros e com eles se rearmonizar; preparar caminho para seguidores, como o caso de um pai que deveria favorecer a educação de seu filho que viria com missão especial.

Merece destaque a conclusão de que **ninguém veio para praticar o mal!** Embora, em nosso livre-arbítrio e por nossa imperfeição moral, ainda o façamos.

- **Qual a razão pela qual você decidiu nascer no século XX?**

As razões foram: porque as circunstâncias se mostravam favoráveis às realizações projetadas; porque amigos aqui estariam também; por querer participar das grandes transformações culturais e sociais que estariam ocorrendo.

- **Você conheceu seus pais em alguma existência anterior?**
- **Se conheceu, qual o relacionamento entre vocês?**

Às vezes eram conhecidos de outras vidas, mas também de conhecimentos estabelecidos no “período entre uma vida e outra”, resposta que surpreendeu a pesquisadora, por não saber que no além a vida continua e podemos estabelecer relações com pessoas que ora nos são desconhecidas.

Também foi constatado que renascemos não só com quem amamos, também com quem odiamos ou

tememos, para refazimento da paz entre nós, como recomenda Jesus: *“Reconcilia-te com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele...”*

- Você decidiu também acerca do seu sexo?
- Por que você optou em ser homem ou mulher desta vez?

Nem um só dos seus 750 pacientes sentiu que o seu “verdadeiro eu interior” fosse exclusivamente masculino ou feminino. Reencarnavam como homem ou mulher, conforme o que precisavam exprimir ou realizar, numa confirmação do que ensina *O Livro dos Espíritos*, nas questões 200 a 202: os espíritos não têm sexo como o entendemos, ou seja, na forma física; são os mesmos os espíritos que animam os homens e as mulheres; podem reencarnar em corpo masculino ou feminino; o que os guia na escolha são as provas por que hajam de passar.

Quanto a este assunto, abramos necessário parêntese.

Não somos nem homem nem mulher, quanto à nossa natureza espiritual. Mas em relação ao corpo há plena distinção entre os sexos e uma encarnação deve ser cumprida com as possibilidades colocadas ao nosso alcance. O espírito deve ajustar-se ao organismo que lhe foi proporcionado, ou por ele mesmo escolhido, para uma tarefa na Terra.

Podemos ter um lado masculino e um lado feminino exercitados em muitas vidas anteriores, mas seria

perda de tempo, prejuízo espiritual, ficarmos insatisfeitos, inquietos, rebelados, ante posição sexual assumida no corpo na presente vida.

Se preciso, sublimemos as forças sexuais no trabalho, na arte, nas realizações espirituais. E, ainda que a época seja de maior liberdade nos costumes, nem por isso devemos entrar em confusão ou perturbação no campo do sexo.

Esse campo agora é “livre”, nos dirão. Que é ser livre, do ponto de vista espiritual? Certamente, Deus nos concede livre-arbítrio: *onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade* (Paulo II Cor 3:17), *entretanto não para dar vazão à carne mas servi-vos uns aos outros pela caridade* (Gal 5:13), *não tendo a liberdade por cobertura da malícia* (I Pedro 2:16).

Cada criatura sempre é livre para as experiências que quiser, mas também sempre será responsável pelos efeitos, arcará com o equilíbrio ou desequilíbrio resultantes. Porque a lei de causa e efeito dá *a cada um segundo suas obras* (Jesus).

A emancipação feminina deve ser entendida no bom sentido do reconhecimento da igualdade dos direitos humanos, mantendo-se a diferença de funções que a natureza assinala nas condições físicas.

Equivocadas, confusas, há pessoas entrando pelo amor “livre”, na bissexualidade e transas variadas, mas a permissividade que traz excessos e desvios sexuais não

é benéfica ao espírito encarnado, seja para o homem, seja para a mulher. A vida tem suas leis e nelas temos de nos encaixar. Não há quem, entrando pelos descaminhos sexuais, tenha conseguido manter sua integridade espiritual, a independência e equilíbrio do seu “eu”. E que adianta a liberdade sem a disciplina no corpo, se ficarmos perturbados espiritualmente?

- De que maneira você vê o feto que será você mais tarde?
- Está dentro dele? Fora? Ou entrando e saindo?
- Em que ponto você se uniu ao feto?

Neste item, as respostas variaram conforme o nível evolutivo das pessoas, suas experiências e motivações.

Embora a ligação do espírito ao corpo se dê através do perispírito desde a concepção, como aprendemos em *O Livro dos Espíritos* (questões 339, 344 e 345), alguns só se sentiram mais presos a partir de certo ponto da gestação, outros, em alguma fase do parto ou até meses após o nascimento. A maioria sentia certa liberdade de ir e vir durante a gestação, mas sempre como que “supervisionando” a formação do corpo.

Conclusão geral

A maioria dos entrevistados achava que morrer poderia ser uma experiência até agradável, às vezes, mas nascer era sempre algo desconfortante, assustador, porque se tratava de enfrentar reajustes, lutas provadoras,

reações ao novo corpo e sentir a inteligência adulta sofrendo limitações para sua manifestação, além de enfrentar atmosfera exterior rude, física e moralmente, e a indiferença ou rejeição das pessoas. Os encarnados, costumamos sentir medo de morrer, mas os desencarnados teriam medo de nascer.

Será que morrer é de fato mais fácil e até mais agradável do que viver? Para quem desencarna de modo natural e estando em equilíbrio ante a lei divina, sim. Mas não, por exemplo, no caso do suicídio, que lembra o fruto apanhado antes de amadurecer e que trava na boca do incauto que se precipitou, até que ocorra a sua recuperação.

A vida na Terra é, para o espírito, um dever e uma necessidade: nascer, aprender de tudo, mais e melhor, cumprindo os desígnios do Criador.

Por isso mesmo, não é a eutanásia uma boa morte, nem significa a piedade verdadeira. Que se passa naquele corpo dolorido, sofredor, sem esperanças de cura? Deus, que é bondade e sabedoria, nada faz nem permite que não traga para o ser um proveito espiritual. Ali estará acontecendo: um preparo psicológico para a aceitação da partida; ou transformações fluidicas, perispirituais, necessárias como reajustes antes da liberação do corpo; ou aprendizado espiritual pela observação de situações, coisas e pessoas sob um novo e inesperado ponto de vista.

Tudo isto sem se contar que possa ocorrer, ainda, uma recuperação, como no caso do cantor Ronnie Von,

que sofreu virose no sistema nervoso central; desesperado pela dor, pedia que o matassem, e chegou a ficar cinco horas em coma, mas de tudo se recuperou.

Sem a certeza do porquê e para quê das condições espirituais que o enfermo experimenta, não temos o direito de intervir, nem a pretexto de compaixão, pois a verdadeira piedade seria o respeito pela experiência, com a coragem de ficar ao lado, ajudando, confortando.

Vida, sempre vida

A importância de todas essas pesquisas e estudos é a de provar que, fundamentalmente, a nossa vida, em verdade, não é a material mas a espiritual, não começa com o corpo nem acaba com ele, existe antes e sobrevive depois, transcende o mero existir num corpo, é imortal, muito mais ampla, profunda e duradoura.

Aqui, lá, além, a vida é sempre vida! A dádiva mais sublime de Deus, o Pai criador, a nós, os espíritos, seres inteligentes, seus filhos. Não é preciso morrer para vivê-la, nem basta encarnar para tê-la em plenitude. Encarnados ou não, estamos sempre vivos, espiritualmente.

Nascer, usufruir dos órgãos dos sentidos, comer, falar, andar, dormir, acordar, ganhar dinheiro, recrear-se, casar, ter filhos... E o corpo se transformando: da infância à mocidade, da maturidade à velhice, até chegar a morte física...

Viver seria só isso? Já o fizemos tantas vezes!... Tantas foram as nossas encarnações!... Lins de Vasconcelos nos fala em *renascer e remorrer* (*O Espírito da Verdade*, por Francisco Cândido Xavier) e Emmanuel teria lembrado ao médium, em certa oportunidade: “Morra com educação”, sim, porque já temos experiência suficiente em nascer, morrer e renascer, para fazê-lo com equilíbrio.

Somos filhos de Deus, seres inteligentes e imortais! Ansiamos por vida espiritual ampla, profunda, duradoura, feliz. Só a conseguiremos nos desenvolvendo intelectual e moralmente. *Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei*, lembra-nos o dólmen de Allan Kardec, no cemitério de Père Lachaise, em Paris.

Estamos caminhando para uma Vida Maior? Retrocedendo não estamos, porque é impossível ao espírito retroagir no desenvolvimento que já alcançou. Mas talvez estejamos “tartarugando”, não progredindo tanto quanto poderíamos e deveríamos.

Encarnados ou desencarnados, esforcemo-nos por progredir. Na breve vida do corpo físico, ou nas experiências em que de vez em quando a transcendemos, sem ficar esperando que a morte nos leve ao futuro.

Vivamos muito, vivamos bem, plenamente, a nossa vida espiritual, que é vida, sempre vida!

Conversando sobre a Morte

O medo de morrer

Um homem sofrido, esgotado pelo cansaço, além de grande descontentamento e da dor, depôs o pesado feixe de lenha que carregava e se pôs a clamar pela morte, em altos brados.

E ela lhe apareceu, tal como a costumam simbolizar, esqueleto chacoalhante (o que restará do corpo), armado de foice (com que cortaria o fio da vida), portando uma ampulheta (para contar o tempo de vida das criaturas) e vestindo um manto preto (no qual esconderia para sempre de nós, a pessoa que morreu). Chamou por mim? disse ela.

Ante a visão da morte, o homem se apavorou e respondeu tremendo: Sim, dona Morte, chamei, mas apenas para que a senhora me ajude a pôr de novo o feixe de lenha sobre meus ombros.

A inocente anedota serve para nos introduzir à pergunta: Por que sentimos medo da morte?

É o instinto de sobrevivência que Deus colocou em cada ser vivo. Medida providencial porque, sem isso, ante qualquer dificuldade ou desagrado, facilmente desistiríamos da vida, deixando de cumprir desígnios divinos para os quais fomos criados e viemos ao mundo.

Nossa resistência à destruição corpórea é natural. Mas não o pavor, o terror, o grande medo que geralmente sentimos ante a morte. Por que a tememos tanto?

Porque não sabemos o que ela realmente é, nem ao que nos pode conduzir. Nada mais apavorante que o desconhecido!

Morreu, acabou

Será? Então, nada teria significado: virtude, ideal, amor... Para que tanto esforço, tanto trabalho?

Para quem pensa “morreu acabou”:

- apenas a matéria existiria, portanto, atira-se à posse, ao domínio, ao gozo das sensações. É um convicto **materialista**;
- só existe o aqui, o agora, depois mais nada! E se torna **imediatista**;
- ninguém está ligado a ninguém mais profundamente. Isso o faz **egoísta**.

E se a vida não acaba com a morte?

Haverá um depois? Onde? Como será?

As religiões procuram nos dizer algo a respeito, mas suas idéias são muito vagas, imprecisas. Ou, então, pintam um “lado de lá” que dá medo e mais vontade de ficar do “lado de cá”.

Que nos irá acontecer? Que aspecto teremos? Seremos fantasma, assombração, alma de outro mundo?

Para onde iremos? Céu? Ou inferno? Até o Papa João Paulo II já disse que céu e inferno, mais do que um lugar físico, são um estado de alma. Céu é o gozo da presença de Deus; inferno, a privação da presença divina, porque a pessoa livremente se separou de Deus.

Mas por tanto tempo vinham ensinando diferente, céu e inferno como lugares determinados, geográficos... Os bons indo para o céu e lá sempre gozando, enquanto os maus seguiriam para o inferno, onde ficariam eternamente sofrendo. Por isso o povo continua perguntando: Para onde iremos: céu? Ou inferno?

Para merecer entrar no céu, é preciso ser bom, virtuoso, ativo no bem. Somos assim, bons o suficiente para merecermos o céu? Temos de reconhecer que não, estamos longe do modelo divino, Jesus.

Então, iremos para o inferno. Viveremos junto aos maus como nós, ou ainda piores, atritando-nos,

torturando-nos mutuamente, numa convivência infernal! E para sempre, sem esperança de redenção, pois a sorte estaria irrevogavelmente selada.

Não! Não somos tão maus assim... Talvez cheguemos ao purgatório. Lá também se sofre muito, mas ainda se poderá sair... Se alguém orar por nós... Será que alguém lembrará disso? Fizemos laços de amizade fortes o bastante para durarem bons e firmes após a morte? E se nos lembrarem, sim, mas for com mágoa, ressentimento, ódio?

Imaginemos que alcancemos o céu. Que faremos lá? Ficaremos na contemplação de Deus! Que é isso? Não sabemos compreender.

Estarão conosco os seres queridos? Poderão estar no inferno, condenados, sofrendo eternamente. E nós, do céu, vendo tudo isso e insensíveis? Achando certo?

Em inspirado poema, Benedito Godoy Paiva escreveu:

Juízo Final

*Sentado o Padre Eterno em trono refulgente,
olhar severo envia a toda aquela gente!*

*Enquanto uns anjos cantam, outros vão levando
ante a figura austera desse Venerando
as almas que da tumba emigram assustadas,
vendo o tribunal solene, majestoso,
em que vão ser julgadas.*

Dois grupos são formados, um de cada lado:
o da direita, Céu; o da esquerda, Averno;
e Satanás, ao canto, o chifre fumegante,
espera impaciente, impávido, arrogante,
a “turma” para o inferno.

Aconchegando o filho, a alma bem-amada,
e que na Terra fora algo desassisada,
uma mulher se chega e a sua prece faz,
rogando ao Padre Eterno poupe do inferno
o pobre do rapaz.

Cofia o Padre Eterno a longa barba branca
e o óculo ajustando à ponta do nariz,
o olhar dirige então à pobre desgraçada
e compassado diz:

Os anjos vão levar-te agora ao Paraíso
e dar-te a recompensa, o teu descanso eterno.
Ali desfrutarás felicidades mil,
porém teu filho mau irá para o inferno.

Um anjo toma o moço e o leva a Satanás;
porém a pobre mãe ao ver partir o filho,
aflita, corre atrás!

E ao incorporar-se ela às hostes infernais,
eis grita o Padre Eterno em tom assustador:
Mulher, para onde vais!!!!

E o que passou-se, então,
ninguém esquece mais:

*Eu vou para o inferno, ao lado do meu filho,
a repartir comigo a sua desventura!
As lágrimas de mãe, as gotas do meu pranto
acalmarão no Averno a sua queimadura!*

*Eu deixo para ti esse teu Paraíso,
essa mansão celeste onde o amor é surdo!
Onde se goza a vida a contemplar tormento,
onde a palavra amor represa um absurdo!*

*Entrega esse teu Céu às mães malvadas, vis,
que os filhos já mataram para os não criar,
pois só essas megeras poderão, no Céu,
ouvir gritar seus filhos sem se consternar!*

*Desprezo esse teu Céu! O meu amor é grande!
Imenso! Assaz sublime! E posso te afirmar
que se não te comove o pranto lá do inferno,
e os que no Averno estão são todos filhos teus,
o meu amor excede o próprio amor de Deus!*

*E ante o estupefacto olhar do Padre Eterno,
a mãe beijou o filho... e foi para o inferno...*

Comovente página! Faz-nos compreender como é absurda a idéia da condenação eterna, que seria a negação da sabedoria e amor de Deus para com suas criaturas.

Entretanto, pela nossa ignorância quanto ao depois, no Além, continuamos a dar enorme importância à vida terrena e a ela nos apegamos desesperada-

mente, desejando evitar a morte. Mas não adianta, porque, um dia, todos nós iremos morrer. Todos!

Morrer... Que pena! Que tristeza, que desalento! E que medo! Quem nos ajuda? O Espiritismo, pelo modo como nos informa a respeito da morte e do morrer, esclarecendo, acalmando, alentando.

A versão espírita da morte

Com a mediunidade, o Espiritismo nos abre uma janela pela qual espiamos o lado de lá, estando ainda bem seguros do lado de cá.

Abre, também, uma porta, pela qual os que já “morreram”, os que nos antecederam na grande viagem, entram, vêm nos visitar e contam como é o “depois”, assim como Jesus ressurgiu, apareceu de novo, aos apóstolos, segundo a narrativa evangélica.

Pelas manifestações mediúnicas fica evidente e comprovado que existe uma vida “eterna”: a do espírito. Que a vida material é, de fato, fugaz, instável, temporária, e a vida espiritual, imortal, duradoura, perene.

A literatura espírita é especialmente rica quando fala sobre a morte e a imortalidade. Tanto nos livros do codificador Allan Kardec, como nos de outros autores, Léon Denis (*No Invisível*), Gabriel Delanne (*A Alma é Imortal*), Ernesto Bozzano (*Na Crise da Morte*).

E, na atualidade muitos pesquisadores também têm abordado o tema, como a Dra. Elizabeth Kubler Ross (*"On Death and Dying" – Sobre a morte e o morrer*), no qual comenta as cinco fases pela qual passa a pessoa que recebe a notícia de estar com doença fatal; primeiro a fase de negação, depois a de revolta, e em seguida a de luta, para cair no abatimento e, finalmente, na aceitação da realidade.

Pela mediunidade e à luz do Espiritismo, começamos a ver a morte sob outro aspecto. **Morrer não é morrer, é desencarnar.**

Não é mero jogo de palavras, mas entendimento dos processos da encarnação e da desencarnação, como esclarece Kardec no capítulo XI de *A Gênese*.

Estando ainda na vida espiritual, **preexistíamos** ao corpo, com nossa individualidade, qualidades e aptidões.

A fim de cumprir certos desígnios divinos e nos desenvolvermos intelectual e moralmente, **encarnamos**, ligamo-nos ao corpo em formação, numa união que começa na concepção, pelo perispírito, nosso corpo fluídico, e sob o influxo do princípio vital.

Quando o corpo morrer e não puder mais nos servir para a manifestação neste mundo terreno, nossa tarefa aqui terá terminado e, então, **desencarnaremos**, nos desligaremos da carne. Nosso perispírito irá se desprendendo **gradativamente** do corpo que morreu, os laços fluídicos que a ele nos ligavam não se quebra-

ram, mas foram se desatando, dos pés para a cabeça, sendo o cérebro o último setor a se desligar.

Durante a agonia, a fase final da morte física, costuma haver uma **visão panorâmica**, rápida e resumida mas viva e fiel, dos pontos principais da existência terrena que está findando, do fim para o princípio, como fita de vídeo rebobinando.

Desencarnados, estaremos de volta à vida espírita nosso estado natural no plano fluídico, invisível; mas **não seremos fantasma nem assombração** e sim nós mesmos, com nossa individualidade, memória, aptidões, defeitos, virtudes e, também, afetos.

E **podemos ressurgir, aparecer de novo** aos que ficaram.

Não teremos mais corpo físico de carne, ossos, músculos, nervos mas continuaremos com o **perispírito**, corpo de fluidos, de que fala o apóstolo Paulo: *Semeia-se corpo material, ressurgirá corpo espiritual.*

Esse **identificador do espírito** geralmente conserva a aparência da última encarnação, já que o espírito assim se mentaliza; mais tarde, se o puder e desejar, a modificará. É também, seu **instrumento de ação e de relacionamento** com o plano em que estiver vivendo, na Terra ou no Além. Com um corpo assim foi que Jesus ressurgiu.

Será que desencarnar dói? Não mais que as dores que usualmente sofremos neste mundo. A diferença

estará nas reações pessoais ante a dor, em como a pessoa se posiciona ante o fato, seu grau de evolução para entender o processo e nele saber como agir.

O despertar no Além

Logo após a desencarnação, o espírito entra em um estado de **perturbação espiritual**. Fica confuso, como quem desperta de um longo sono e ainda não se habituou, de novo, ao ambiente onde se encontra, pois se acostumara às impressões pelos órgãos dos sentidos.

À medida que a influência da matéria for se desfazendo, a lucidez das idéias e as lembranças do passado irão lhe voltando.

Nesse processo da desencarnação e da reintegração à vida espírita, influem: o estado do corpo, o tipo de morte e o grau de evolução do desencarnante.

Na morte por velhice ou doenças prolongadas, o desligamento tende a ser natural e mais fácil e a fase de perturbação poderá ser logo superada, porque a carga vital já se fora esgotando, pouco a pouco, e o espírito se preparando psicologicamente para a desencarnação, começando a se reambientar com o mundo espiritual, que, às vezes, até entrevê, pois suas percepções começam a transcender ao corpo.

Nas mortes violentas ou repentinas, como nos acidentes, desastres, assassinatos ou suicídios, o rompimen-

to dos laços fluídicos é brusco e o espírito pode sofrer com isso, a perturbação tende a ser maior. Em casos excepcionais, como o de alguns suicidas, poderá sentir-se, por algum tempo, como que “preso” ao corpo que se decompõe, o que lhe causará dolorosas impressões.

De modo geral, quanto mais espiritualizado o desencarnante, mais facilmente se desvencilha do corpo físico já sem vida; quanto mais material e sensual, mais apegada aos sentidos tiver sido sua existência corpórea, mais difícil e demorado é o desprendimento.

Para o espírito evoluído, a natural perturbação por se sentir desencarnado é menos demorada e menos dolorosa. Como vivia mais pelo espírito e para o espírito, de certa forma já se vinha libertando da matéria, antes mesmo de cessar a vida orgânica. Logo retoma a consciência de si mesmo e quase que imediatamente reconhece sua situação, vê os espíritos ao seu redor, percebe o novo ambiente em que se encontra.

Para o espírito pouco evoluído, muito apegado à matéria, não habituado ao cultivo de suas faculdades espirituais, a perturbação é difícil, demorada, acompanhada de ansiedade e angústia pela incompreensão do seu novo estado, o que pode durar dias, meses e até anos.

A ajuda espiritual aos desencarnados

Mas Deus, que tudo sabe e que, antecipadamente, sempre prevê e provê aquilo de que precisamos,

também não nos falta na fase da desencarnação. Equipes espirituais de socorristas já costumam estar a postos para auxiliar, quanto possível.

Amigos e familiares, que partiram antes, costumam vir receber o desencarnante e ajudá-lo na sua passagem para o outro lado da vida, o que lhe dá muita confiança, o acalma e causa, também, muita alegria pelo reencontro com os seres conhecidos e queridos.

Quem apresenta problemas pessoais graves e está comprometido com espíritos inferiores, às vezes não percebe nem assimila logo essa ajuda; poderá ficar temporariamente preso, no mundo espiritual, a situações e ambientes desagradáveis e difíceis.

Portanto, não obstante geralmente existir ajuda espiritual para o momento da desencarnação, a situação do desencarnante na vida espírita será boa ou má, conforme ele tenha agido em sua existência terrena.

A situação no Além

Os bons ou aqueles ao menos de evolução mediana, podem logo se sentir bem. Ver, ouvir e se locomover com naturalidade, ter o acolhimento de familiares ou entidades amigas, percebendo as perspectivas de uma continuidade feliz de vida, com a retomada de atividades agradáveis e produtivas, usufruindo dos bons resultados de seus atos bons.

Os espiritualmente fracos ou ignorantes, que não cultivaram o seu potencial nem a vida do espírito, sentem-se mal, às vezes em trevas, sem rumo, sem saber o que fazer nem para onde ir.

Os que cultivaram vícios sentem no perispírito lesões, prejuízos e condicionamentos que esse comportamento lhes causou; querem, ainda, se satisfazer com o álcool, a droga ou a atividade sexual, gozar as sensações a que se haviam acostumado, mas sem terem mais como atendê-las, pela falta dos órgãos físicos correspondentes.

O avarento continua apegado ao que possuía neste mundo; não pode mais usufruir dos seus “tesouros”; sofre por se ver despojado dos bens que lhe davam sensação de prazer, segurança, poder; desespera se vê outros usando “o que era seu”, ou dilapidando o “seu” patrimônio.

Os maus e cruéis defrontam-se com aqueles a quem haviam maltratado ou prejudicado, os quais agora querem se vingar, porque não perdoaram. Sofrem nas mãos de outros malvados que os dominam, exploram e maltratam, fazendo com eles o que faziam com os outros; ou se unem aos maus de lá para continuarem suas maldades, mas sem nunca ter clima de paz e amor.

A recuperação dos caídos

Esse inferno da alma, essa situação ou estado inferior, não são definitivos, pois não há condenação eterna. Um dia, todos se recuperarão.

Começarão por se cansarem do mal, sentirão surgir o desejo de sair daquela situação, um anseio íntimo de algo melhor.

Então, serão caridosamente recolhidos pelas caravanas socorristas do Além, que constantemente percorrem as regiões do umbral e os encaminham aos postos de socorro e refazimento, onde, enfim, agora sofrendores e arrependidos, irão retomar o trabalho do seu progresso intelecto-moral.

É válido, pois, orar pelos desencarnados e em O *Evangelho Segundo o Espiritismo* (cap. 28, item IV), Allan Kardec oferece alguns exemplos de “Preces pelos que já não são da Terra”.

Os espíritos e a morte

Eis aí por que os espíritos encaram a morte calmamente e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos sobre a Terra.

Já não é só a esperança, mas a certeza que os conforta; sabem que a vida futura é a continuação da vida terrena em melhores condições e a aguardam com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do Sol após uma noite de tempestade.

Os motivos dessa confiança decorrem, outrossim, dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e a bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações da Humanidade.

(...) Não mais permissível sendo a dúvida sobre o futuro, desaparece o temor da morte; encara-se a sua aproximação a sangue-frio, como quem aguarda a libertação pela porta da vida e não do nada.

Allan Kardec.

(O Céu e o Inferno, cap. II, item 10).

Antes que a morte aconteça

Um dia, o corpo morre e, então, o espírito se liberta. Morto o corpo, o espírito não consegue mais atuar sobre ele.

Mas, antes que a morte aconteça, é lícito recorrer à medicina, para procurar mantê-lo vivo, “consertando” o que for possível, empregando medicamentos, terapias diversas, até mesmo as alternativas, cirurgias e as modernas técnicas de transplantes.

— o —

Ante a possibilidade dos transplantes, existem preocupações, facilmente esclarecidas e acalmadas:

- Não vai fazer falta ao “morto”? É o espírito que ressurge, não o corpo; e o espírito já possui seu corpo fluidico, o perispírito.
- Esse perispírito fica lesado? Só a ação maléfica exercida pelo próprio espírito poderia prejudi-

car seu perispírito e, assim mesmo, teria de ser intensa, reiterada, ultrapassando a margem de segurança providencialmente estabelecida por Deus em favor de suas criaturas inexperientes.

- Acarretará alguma dificuldade ou dor para o doador? Talvez, se o doador se impressionar espiritualmente pelo que estiver acontecendo com o seu corpo. Mas, se na desencarnação comum já há ajuda espiritual, certamente também haverá amparo para quem houver doado órgão, a fim de beneficiar um semelhante.

Mesmo encarnados doam e o fazem por amor, para ajudar alguém, sem temer possíveis dores e inconvenientes que o fato lhes possa trazer.

Por que não doar órgãos depois de morto o nosso corpo, quando já nem nos servem mais, nem precisaremos sofrer ao serem retirados do corpo que houvermos abandonado?

Nem todos podem doar órgãos, por questões de idade ou estado de saúde, mas os que podem doar precisam ser esclarecidos a respeito, para se acostumarem com a idéia e voluntariamente cederem órgãos aos que deles precisem. Recomendável, porém, certa cautela e a observância de princípios legais e morais quanto à doação de órgãos, porque a humanidade às vezes desvirtua os melhores propósitos.

Antes que o corpo morra, também podemos buscar recursos em outros setores, que a medicina oficial ainda não conhece bem, mas que alguns cientistas já pesquisam a respeito. Assim é a cura por ação fluídica, em que os efeitos físicos às vezes se fazem quase imediatos no organismo corpóreo, ou a ação é no perispírito, com reflexo posterior no corpo físico.

Por ação fluídica se explicam as “moratórias”, inesperados prolongamentos da vida corpórea. Alguns enfermos que as obtiveram, infantilmente se vangloriam, sem compreenderem que lhes foi concedida misericordiosa oportunidade, algum tempo mais para melhorarem suas condições espirituais, ante a inevitável desencarnação futura.

Deus nos dê uma boa morte!

Quando uma morte é boa?

Lemos no evangelho de Lucas (13:1-5) que Pilatos mandara matar alguns galileus e o sangue deles se misturara com o dos sacrifícios no altar. Comentavam os discípulos o fato, impactante para eles, e Jesus aproveitou o episódio para lhe proporcionar mais um ensinamento sobre a vida imortal, dizendo:

— *Pensais que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.*

E aqueles 18 sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, pensais que foram mais culpados do que todos os homens que habitam Jerusalém? Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.

Jesus estaria dizendo que, se não se modificassem, iriam perecer do mesmo modo que aquelas pessoas, a golpes de espada ou esmagados por uma torre? Não, mas sem estarem preparados para a desencarnação, achando que a morte foi inesperada.

A questão não é tanto o modo como se morre materialmente, como o corpo perde sua vitalidade e vem a morrer, mas as condições em que está o espírito quando a desencarnação acontece. Sabe ou não enfrentar bem o desligamento em relação corpo? Cultivou ou não condições espirituais para viver bem fora do corpo? Tem ou não merecimento para receber alguma ajuda espiritual?

Convém pensar em nosso preparo para a morte. Não se trata de acalentar pensamentos mórbidos e doentios sobre a desencarnação mas de:

- Informar-se a respeito, estudar as informações em obras esclarecedoras, como *A Alma é Imortal*, de Gabriel Delanne e *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec.
- Experimentar o trato com os desencarnados, no intercâmbio mediúnico, para que, enquanto os ajudamos na recuperação além-túmulo, conheçamos um pouco da realidade que nos aguarda também.

- Cultivar e exercitar as faculdades do “eu” espiritual, por atividades como a meditação e oração.
- E, principalmente, viver bem para bem morrer. Não é ter uma “boa vida”, fútil, gozadora, irresponsável, mas uma “vida boa”, útil, produtiva, edificante.

Ante os que partiram

Ante os corpos mortos e os espíritos que os deixaram, sociedade e religião adotam **comemorações fúnebres**, variados costumes, idéias e atitudes, resquícios que ainda nos ficaram de tempos antigos.

Assim, no **dia de finados**, é comum intensa visitação aos túmulos e se podem observar cenas interessantes, estranhas, curiosas. Há os que se sentam sobre túmulos dos seus amados, e ali passam o dia, para lhes fazer companhia, como se a pessoa ali estivesse encerrada. Os que lhes levam comidas e bebidas, para que se alimentem, como se o espírito delas necessitasse. Outros gastam verdadeiras fortunas em flores raras e ornamentações vistosas, decorando o túmulo como se ele devesse ser a morada definitiva do seu afeto.

Tais procedimentos podem até condicionar o espírito, se não for de categoria lúcida, consciente, mantendo-o ligado aos seus despojos, ao seu túmulo. O espírito de certa mãe acreditava dever permanecer no túmulo que a filha lhe construía com afeto.

O espírita respeita tais procedimentos, mas nem a todos aceita; e, nos que aceita, age sempre em função da realidade espiritual e não das aparências.

Nos velórios, o espírita:

- Mantém atitude respeitosa, mas não se desespera. Não aprendemos com Jesus, “o herói do túmulo vazio”, que a morte não existe? Nossos queridos não estão mortos, nem obrigatoriamente dormindo, mas o espírito desencarnante está em delicada fase de desprendimento do corpo e de transformação de sua existência.
- Não usa velas, coroas, flores, pois o espírito não precisa dessas exterioridades, mas procura oferecer o que o desencarnante realmente precisa: o respeito à sua memória, orações, pensamentos carinhosos em favor de sua paz e amparo no mundo espiritual.
- É fraterno com os familiares e amigos do desencarnante, ajudando-os no que puder, fazendo por eles o que o desencarnante gostaria de fazer.

Nos sepultamentos, não adota luxo, ostentação nem se preocupa em erigir túmulos.

Para honrar com fervor cristão os nossos mortos, não há necessidade de se ter dinheiro, nem de ir aos cemitérios, não é preciso nossa presença ao lado de suas tumbas. **Eles não estão lá!**

São espíritos libertos, vivem no mundo espiritual. Cumprem tarefas, prosseguem no seu auto-aprimoramento, construindo e reformulando o mundo íntimo na disciplina das emoções.

Continuam a nos amar e, muitas vezes, estão ao nosso lado nos dizendo da sua saudade e de seu amor.

Se podem, distendem mãos auxiliadoras aos que permanecem no casulo carnal.

Nossas preces e vibrações os alcançam onde quer que estejam, refrigeram-lhes a alma, e lhes falam dos nossos sentimentos. Roguemos a Deus que estejam em paz e continuem a progredir espiritualmente.

Em honra aos nossos entes queridos que já desencarnaram, os nossos afetos que partiram para o mundo espiritual, cultivemos a lembrança de suas virtudes, dos seus atos bons, dos momentos de alegria vividos juntos; em sua homenagem, pratiquemos atos bons e caridosos, até que Deus permita nos reencontremos todos um dia harmonizados e felizes na pátria espiritual!

Prece: Telefone para o Além

Por que não oramos?

Alguém que não conhecia o telefone dele ouviu falar maravilhas, como ensinava ligação a distância, com quem se desejasse comunicar. Entusiasmado, tentou ligar, mas não sabia como proceder, que havia números a acionar e era preciso saber o número do telefone com que se pretendia falar. Conseqüentemente, a ligação não se fez, nada ouviu, ninguém respondeu. Então, desacreditou de que o telefone funcionasse.

Também nos falaram um dia de um “telefone para o além”, um meio de comunicação com o “reino dos céus”, que faz a ligação com Deus e o mundo espiritual: a prece, a oração. Por que não o estamos usando? Por que não guardamos o hábito de orar?

Talvez tenhamos tentado e não conseguimos os efeitos, os resultados, anunciados e prometidos. Sem a certeza de que a prece funcione, não nos sentimos mais motivados a orar, a usar esse telefone. Se assim for, que manancial de bênçãos estamos perdendo, com esse nosso desencanto!

Vale a pena revisarmos a questão: que é a oração? para que serve? como funciona?

A chamada é nossa

Não é nada difícil nem complicado estabelecer a comunicação com o mundo invisível. Qualquer pessoa pode fazer isso. Crianças, jovens e velhos, ricos e pobres, bons e maus, sãos e enfermos, sábios e ignorantes, todos podem orar.

Basta ter a vontade de fazer uma abertura, para a comunicação com o plano invisível. Na prece, pois, a chamada é nossa, nós é que promovemos a ligação buscando o plano espiritual superior.

Mas com que propósito vamos fazer soar a chamada do “telefone para o além”?

Para que orar?

Pode ser para pedir, agradecer ou louvar.

Pedir o que sabemos que precisamos e Deus poderá nos atender, pois Ele tudo pode e *“toda boa dádiva vem do Alto”*.

Agradecer, quando nos damos conta de que houve atendimento para o nosso pedido. Por exemplo, ao nos sentirmos aliviados e fortalecidos, após receber um passe.

Louvar, numa expansão espontânea e sincera de nossa alma, ante as manifestações da sabedoria, bondade e poder divinos, quando, na obra da Criação, sentimos, entendemos, reconhecemos que algo é bom, belo, útil, sabiamente providencial e cheio de misericórdia!

Orar seria desnecessário?

Afirmam alguns que sim, seria desnecessário, pois Deus não precisa de nossos louvores ou agradecimentos. Mas precisamos nós dar expansão aos nossos sentimentos, comunicarmo-nos com o Pai e Ele, certamente, se interessa pelos sentimentos de suas criaturas.

Argumentam outros que orar é também inútil para expor a Deus as nossas necessidades, pois Ele já as conhece, já que tudo sabe. Entretanto, nossa é a necessidade de contar, explicar problemas e anseios. Aquele que é capaz de nos entender, amigo fiel para ouvir e não nos atraiçoar nem passar adiante.

E ainda há quem diga que orar não adianta, porque no Universo tudo se encadeia por imutáveis leis naturais e nossas súplicas não podem mudar os decretos de Deus. Ainda bem que há leis naturais e imutáveis, que não podem ser derogadas ao capricho de qualquer um. Se bastasse pedir para obter, poderíamos ter o caos, ante tantos pedidos infantis, mesquinhos, até perversos, injustos, contraditórios uns aos outros.

Não, não pensamos mudar com a prece os decretos de Deus, seria impossível! Mas as circunstâncias da vida não são todas submetidas à fatalidade sempre, e a nós espíritos, encarnados ou não, Deus deu inteligência, sentimento, capacidade de ação, vontade livre. Para ficarem sem uso, sem serventia? Certamente, foi para que ajamos. Podemos, pois, ter iniciativas e provocar efeitos no universo. Com isso não “quebramos” a harmonia da vida universal, apenas somos um dos seus agentes, uma das forças já previstas por Deus.

A oração é uma das iniciativas que o espírito pode tomar e, se o faz e o que objetivar estiver dentro das leis divinas, obterá o efeito buscado. Simbolicamente, diremos que Deus terá “concordado” com o pedido, “acedido” a ele, sem que, por isso, se altere ou perturbe a imutabilidade das leis que regem o conjunto. Não se mudaram os decretos de Deus, mas se agiu dentro deles. Se o espírito não buscar, não agir, não orar, teria sido possível mas a lei não foi acionada. Estimulava-nos Jesus: *Pedi e dar-se-vos-á, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á.* (Mt. 7:7)

Como a oração funciona

Orar! É uma das formas de nos comunicarmos com o Além, de nos ligarmos ao plano invisível e movimentarmos leis da vida no campo espiritual, pensamento e vontade, agindo, através do fluido universal, em que tudo e todos estamos mergulhados. É ligar nossa tomada individual às correntes da energia uni-

versal. E Deus nos responde, através das leis acionadas ou por meio de suas criaturas.

Talvez possamos idealizar, no plano espiritual, como que um painel semelhante ao das nossas telefonistas, registrando em impulsos luminosos as comunicações e apelos vindos do plano terreno.

Quando os bons espíritos atendem nossas preces, agem conforme a evolução que possuem (que Deus lhes concedeu alcançassem) e dentro do que é permitido pelas leis universais. Agem como instrumentos de Deus e seus mensageiros, cumprem e executam, apenas, a vontade do Criador.

Os limites da oração

A prece não pode:

- **mudar a natureza de nossas provas ou o curso delas** (*O Livro dos Espíritos*, 663), pois há leis a respeitar, conseqüências a enfrentar, situações a suportar;
- **esconder faltas, ou deixá-las impunes** (*O Livro dos Espíritos*, 661). Perdão como anulação de qualquer efeito do mal não existe na lei divina, já que toda ação produz uma reação.

Os efeitos do mal que se fez somente se anulam quando fazemos o bem, recompondo, reequilibrando tudo.

O verdadeiro perdão se obtém quando mudamos de proceder e reparamos o mal que tenhamos praticado.

O que a prece pode. Quando sincera, promove:

- a **reflexão quanto ao problema**, mas em correto posicionamento espiritual, dentro do sentimento cristão.
- a **atração de bons espíritos** e diálogo telepático com eles, ajudando-nos a refletir.

Então, com a prece, podemos:

- **captar idéias** que ajudam a solucionar problemas, a sair de dificuldades. Esclarece Emmanuel que *Deus tem estradas onde o homem não tem caminhos*.

Mas o esforço de agir na direção indicada pela inspiração terá de ser nosso. Ao homem perdido no deserto, um rumo lhe será sugerido; caminhar nesse rumo e salvar-se, caberá a ele.

- **aumentar nossas forças**, com os fluidos bons, vitalizantes que receber e os encorajamentos para o que tivermos de fazer e mudar.
- **receber conforto e resignação**, para o que não puder ser mudado e tivermos de suportar.
- **sermos esperançados quanto ao futuro**, porque essa dor ou mal que experimentamos irá termi-

nar, nesta ou na vida futura, e, bem suportados, trarão compensação, benefício na vida imortal.

Por tudo isso, o que, antes de orarmos, parecia insolúvel ou insuportável, depois de orarmos encontra solução, ou ao menos, se torna suportável, porque ficamos mais esclarecidos a respeito ou mais fortalecidos para enfrentar e vencer.

A prece intercessória

É a que serve para ajudar a outros. Quando oramos em favor de alguém:

- os pensamentos e sentimentos que emitimos animam e confortam a pessoa, convidando à modificação para melhor; e os fluidos que emanamos a fortalecem, acalmam e curam. *A oração da fé salvará o enfermo;* (Tiago 5:14/15)
- atraímos o concurso de bons espíritos para ajudá-la.

Assim, podemos orar também pelos desencarnados, *pois Deus não é Deus de mortos mas de vivos, porque para Ele, todos vivem.* (Mt 22:32)

A vida continua além do túmulo e não há condenação eterna, para ninguém.

Para os espíritos em situação difícil no Além, o interesse amigo da prece alivia, dá esperança, faz arre-

pende e desejar o bem. Isto pode suavizar a pena, encurtá-la e atrair bons espíritos para ajudar aquele que se mostrar propenso à recuperação.

Ao orar pelos desencarnados não estamos derrogando leis divinas mas executando a maior delas, o *amai-vos uns aos outros*, a lei de caridade, que é o amor em ação.

Natureza e forma da oração

Muitos foram os ensinamentos de Jesus sobre a oração registrados nos evangelhos.

No Sermão da Montanha (Mt 6:5): *Quando orardes, não façais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam sua recompensa.*

A ligação que vamos estabelecer é entre nós e Deus ou seus emissários, uma relação toda íntima, de pensamento, sentimento e vontade.

Deve ser feita com sinceridade e simplicidade, não cabendo ostentação, encenação, nem precisando de posturas ou gestos especiais.

Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em secreto; e teu Pai, que vê nos lugares ocultos, recompensar-te-á. (Mt 6:6)

Quarto, no caso, não é um espaço físico especial, pois, como orariam os desabrigados, os “sem-teto”? A prece não depende de lugar exterior. Para nós, encarnados, o corpo é o aposento da nossa alma. Para orar, fechemos as portas dos sentidos, fazendo recolhimento interior.

Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos, que julgam que serão ouvidos à força de palavras. Não os imiteis, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes que vós lho peçaís. (Mt 6:7/8)

Não que deixemos de pedir, porque Deus já sabe, mas oremos em poucas palavras, sem repetições inúteis. Não é preciso explicar tudo minuciosamente, pois Deus não é tardo de entendimento, nem orar em altas vozes, que Ele também não é surdo.

A prece deve ser clara, simples, concisa. Cada palavra deve ter alcance próprio, despertar uma idéia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: deve fazer refletir (...) de outro modo, não passa de ruído, ensina Allan Kardec.

Haverá fórmulas especialmente eficazes para a oração? Os bons espíritos não prescrevem nenhuma fórmula absoluta de preces. As que ensinam no capítulo XXVIII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, visam apenas:

- Auxiliar os que sentem embaraço para externar suas próprias idéias e chegam a acreditar que não oram por não haverem formulado seus pensamentos.

- Fixar idéias e, sobretudo, chamar atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita, como a apreciada “Prece de Cáritas”.

Jesus nos ensinou a orar com humildade, quando contou a parábola do fariseu e do publicano (Lc 18:10/14).

Um fariseu orava orgulhosamente, achando-se mais correto e melhor do que os outros homens, nada pediu e, também, nada recebeu, enquanto um publicano, orando com humildade e pedindo a clemência divina, obteve o amparo de que precisava para prosseguir na vida.

Também nos aconselhou a orar sem guardar ressentimentos contra alguém, sem alimentar mágoas nem desejos de vingança.

Mas, quando estiverdes em pé para orar, perdoai, se tiverdes algum ressentimento contra alguém, para que também vosso Pai que está nos céus vos perdoe os vossos pecados. (Mc 11:25/26)

E a procurarmos, antes, a reconciliação com aqueles a quem prejudicamos ou ferimos.

Se estás para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; só então vem fazer a tua oferta. (Mt 5:23/24)

Entendemos, assim, que, para a oração chegar a Deus e alcançar “graça” perante Ele, quem ora precisa fazê-lo dentro do sentimento de justiça e amor.

No livro *Entre a Terra e o Céu*, de André Luiz, psicografado por Chico Xavier, aprendemos que existe a **prece refratada**. Conforme esclarece Clarêncio para Hilário, *É aquela cujo impulso luminoso teve a sua direção desviada, passando a outro objetivo*. E lemos que Etelvina orara para sua mãe desencarnada mas esta não estava em condições de atender. A prece varou os círculos inferiores e foi alcançar apoio de outro modo.

O que faz a prece ser atendida

O atendimento do que se pede em oração obedece a critérios de **necessidade** e de **merecimento**.

Como são numerosos os nossos pedidos a Deus, a Jesus e aos que chamamos de santos! São muitos e até costumam se sobrepor uns aos outros, como os que as crianças fazem a seus pais.

Mas para que o atendimento se torne possível, há que vencer a inércia das criaturas ou superar dificuldades.

Então, a sabedoria divina estabelece um processo natural de seleção prévia, que testa o grau de necessidade do pedido; se a necessidade for grande, se a ques-

tão for importante e premente, a solicitação será repetida insistentemente.

Assim, um primeiro requisito para o atendimento é a **persistência**, certa energia e insistência na oração, a fim de superar os obstáculos. É o que Jesus aconselha na parábola do amigo importuno (Lc 11:5/13).

Quanto ao merecimento, diz Jesus na parábola do juiz iníquo que, apesar de ele não temer a Deus nem respeitar os homens, atendeu à viúva pela insistência dela em pedir, concluindo: *E não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a Ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?*

No caso, os escolhidos não o são por privilégio espúrio mas pelo merecimento de ser uma boa pessoa e de praticar o bem. Suas qualidades e ações é que os tornam escolhidos.

E o pedido terá de ser justo, algo possível, benéfico, oportuno.

Jesus assegura que, mesmo que pareça demorar, o pedido justo e reiterado de quem tem merecimento acabará por ser atendido.

Por isso é instintivo pedirmos preces aos que consideramos bondosos. Eles oram com fervor e confiança, têm sentimento de verdadeira piedade e merecimento.

O homem vicioso e mau ora de lábios, não tem ímpeto de caridade, nem fervor ou confiança.

Mas, se o homem imperfeito orar com humildade, sua prece é válida, pois os bons espíritos querem incentivar a fagulha de bem que nele se mostra.

Procuremos, pois:

- adquirir créditos, merecimentos espirituais para lastro de nossas preces, com boas obras e atitudes cristãs;
- usemos bem o que já tivermos, o que pedimos e já recebemos, testemunhando sermos dignos de atendimento.

Saber pedir

Disse Paulo (Romanos 8:26/27) que: *O Espírito intercede por nós, porque não sabemos pedir como convém.*

Quantas vezes pedimos o que não devemos! Então, não nos é dado ou, se obtemos, arcamos com a responsabilidade do que foi pedido.

Maria Dolores, através de Francisco C. Xavier, escreve: *Agradeço, meu Deus, quando me dizes “não” com teu amor, e sempre que te rogue o que não deva, não me atendas, Senhor!... (Em Antologia da Espiritualidade).*

Quando os discípulos pediram a Jesus: “*Ensina-nos a orar*”, o mestre, com o “Pai Nosso” nos orientou a pedirmos do que é material somente o indispensável e muito mais do que é espiritual, e sempre subordinado à vontade de Deus.

E, quando no horto, em momento de grande dificuldade, orou assim: *Pai, todas as coisas te são possíveis, afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero mas o que tu queres* (Mc 14:36), exemplificando que nosso pedido deve ser sempre subordinado à vontade de Deus, que sabe mais e ama melhor do que nós.

Aos que lhe fizerem pedido justo, necessário e apoiado no merecimento, Deus dará *boas dádivas* (Mt 7:11) e *um bom espírito* (Lc 11:13).

Há muitas orações válidas, aceitáveis. Nem sempre as temos feito, mas teriam sido atendidas, como nas situações a seguir.

Oremos quanto ao que pode vir de nós mesmos

Vigiai e orai, para não cairdes em tentação, recomendação de Jesus registrada nos evangelhos.

Mas costumamos orar só depois de errar. Se o fizermos antes, sairemos de nosso ponto de vista, analisaremos nossa vida e propósitos, e impulsos, à luz da imortalidade, da justiça e da fraternidade.

Conseqüiremos esclarecer dúvidas, suavizar dores, resolver problemas, evitaremos males que estivermos a ponto de praticar.

Bons espíritos não afastam o mal que nos serve de prova ou aprendizado, mas nos ajudam a pensar. Se formos dóceis, orientados por eles nos afastaremos do erro, não infringiremos as leis divinas.

Oremos quanto ao que possa vir de fora

Orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado. (Mt 24:20)

Há situações prejudiciais ainda não definidas que poderão ser causadas por forças externas alheias à nossa vontade, e talvez possamos modificar e influir antes, orando.

Assim são as orações pela paz mundial, pelos governantes, pelo curso de nossa vida.

Orai pelos que vos perseguem e vos maltratam

Eis outro tipo de oração que podemos fazer com êxito. A oração pelos desafetos exerce influência fluídica e telepática, um efeito reparador e solvente da animosidade, que ajuda a reconciliação. Nos casos em que ainda não há ensejo de reconciliação, prepara caminho e evita que os problemas piorem.

Não oremos somente por nós mesmos. Lembremos Francisco de Assis: *É dando que recebemos*. Ou os pequenos poemas da médium Dolores Bacellar, no livro *Rosa Imortal*:

Egoísmo

Oras apenas por ti?
Sim, unicamente.
És atendido? Não.
Falta-te algo? Tudo.

Altruísmo

E tu, por quem oras?
Pelo próximo.
Que te falta? Nada.

Ore por mim!, pede alguém. Podemos orar uns pelos outros, mas a oração intercessória não substitui o esforço próprio de cada um.

Oremos!

Como Jesus, oremos. Sempre, incessantemente. Na solidão ou em companhia de amigos. Nos campos, pelas ruas, nas casas. De noite e de dia. Para pedir, agradecer e louvar.

Sem interromper trabalhos, antes santificando-os, como Confúcio afirmava: *A prece do dia é o cumprimento dos deveres. A minha vida é a minha oração*.

Ou como recomenda Tiago (5:13): *Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores.*

Prece! Um ato de amor

Assistindo aos necessitados moral ou fisicamente, estamos realizando prece de amor a Deus e ao próximo.

Um ato de contrição

A cada deslize confessemos ao Pai: *Errei, perdoai-me, dai-me forças para não falir de novo e coragem para reparar a minha falta.*

Um ato de reconhecimento

Lembremos de agradecer a Deus por um acidente evitado, pela felicidade que nos visita, ou mesmo pela dor ou dificuldade que nos controla e corrige.

Não renunciemos à prece. Seria negar a bondade de Deus e recusar a nós mesmos a sua assistência, abrir mão do bem que podemos com ela fazer a outros.

E, quando quisermos que a ação da prece seja ainda mais poderosa, oremos em grupo, associados todos de coração a um mesmo pensamento e num mesmo objetivo.

Não Desprezeis as Profecias

(Paulo I Tes. 5:20)

Que é um profeta?

No episódio evangélico, Jesus conversa com a samaritana, à beira do poço de Jacó, e lhe anuncia ser portador de água viva, da qual se alguém beber nunca mais terá sede e se fará nele uma fonte a jorrar eternamente (Jo 4:13/19). Referia-se o Mestre ao conhecimento espiritual, que sacia a sede de saber e se constitui, naquele que o possui, base para um incessante crescer de novas idéias e informações. A mulher, sem entender o simbolismo, mas interessada em obter o que julgava um líquido precioso, pede: *Dá-me dessa água.* Jesus lhe diz: *Chama teu marido e volta aqui. Não tenho marido,* responde ela, e quando Jesus afirma *cinco maridos tiveste e o que agora tens não é teu marido,* a mulher exclama, admirada: *Senhor, vejo que és profeta!*

No entendimento comum, profeta é aquele que prediz o futuro, fala do que vai acontecer, e Jesus falou do que já acontecera, do passado, e da situação dela naquele momento, no então presente. Por que a samaritana o chama de profeta?

Em outra passagem evangélica, Jesus está no palácio do sumo sacerdote (Lc 22:64), preso e maltratado pelos soldados, que lhe cobriam o rosto, espancavam-no e perguntavam: *Profetiza, quem te bateu?*

Tinha Jesus os olhos vendados, não podia enxergar. Queriam que ele soubesse sem ver, mas disseram: *profetiza*. Então, profetizar seria o mesmo que adivinhar?

No Velho Testamento (I Sam 9:9), encontramos esta informação: *Antigamente, em Israel, todo o que ia consultar a Deus dizia: Vinde, vamos ao vidente. Chamava-se, então, vidente ao que hoje se chama profeta.*

Afinal, que é um profeta: um vidente? um adivinho? alguém que diz o futuro? ou o passado? Nada disso, especialmente, mas pode o profeta ser tudo isso. Etimologicamente, profeta (do grego *prophetes*) significa o que fala por, pessoa que fala em lugar de outra, como porta-voz, intérprete ou proclamador (*Dicionário Bíblico* de John D. Davis).

Nos tempos bíblicos, profetas eram homens ou mulheres chamados por Deus e por Ele qualificados para, em seu nome, falarem ao povo. Sobre o quê? O *conselho secreto do Senhor*, as coisas espirituais, que estão ocultas para o comum das pessoas.

Para falar do que estava *em secreto*, tinham antes de conhecer o que estava oculto: ver o que outros não viam, ouvir o que outros não ouviam, saber o que outros não sabiam; às vezes, tomar conhecimento do fu-

turo e, em outras, do passado, ou do presente, tudo que por meios comuns não se poderia conhecer.

Se alguém apresentasse sinais assim, ficava evidente: era um profeta, um porta-voz divino. Por isso, a samaritana disse a Jesus: *Vejo que és profeta!* E os soldados ironizando, indagavam: *Profetiza, quem te bateu?* Enquanto os antigos israelitas convidavam: *Vamos ao vidente.*

Como conseguiam os profetas ver, ouvir, saber o que, para o comum das criaturas, estava oculto? Certamente, pela mediunidade, que permite entrar em contato com os espíritos e conhecer o que se passa no plano espiritual.

Notemos que em hebraico, profeta é a pessoa que anuncia: *nabi*, palavra que, em sua forma verbal, tem significado de frenesi. Em inglês (*Enciclopédia Britânica*), o substantivo usado como sinônimo de profeta é *inspiration* e, em suas derivações, dá idéia de borbulhamento. Em assírio, prende-se à idéia de “transportar-se”, cair em transe. Referências todas que têm algo a ver com o estado dos médiuns durante as manifestações dos espíritos.

Então, para ser um profeta de Deus é indispensável ser médium? Não, mas precisa, de algum modo, conhecer, ter acesso ao que para a maioria está oculto, a fim de poder, depois, informar às outras pessoas a respeito.

A capacidade para tanto pode vir não só da inspiração ou influência dos Espíritos, mas, também, da própria percepção espiritual. E o que diz, aquilo que

profetiza, não tem de se relacionar, obrigatoriamente, ao futuro, ao passado ou ao presente de uma pessoa ou de um povo, mas, sim, às coisas espirituais e à marcha da humanidade.

Kardec define assim: *Profeta é todo o enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas, e os mistérios da vida espiritual (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. 21).*

É possível predizer o futuro?

Com base em certos dados, sim. *Enquanto houver aquele halo ao redor da lua, não choverá*, diz o agricultor experiente. E a professora que conhece seus alunos, alerta: *Se colocarmos aqueles dois meninos juntos, vão brigar*. Ante eventuais desordens públicas, poderemos afirmar: *Se isso continuar, o governo tomará medidas*.

Futuro, nesses casos, é a conseqüência lógica da realidade, natural e presente, podendo ser previsto por dedução. Assim, futurólogos predizem o futuro de um país, se conhecerem sua população, os recursos de que dispõe e os programas de desenvolvimento que nele estão sendo executados. Acertarão, se os dados em que se basearem forem fiéis e os souberem deduzir corretamente.

E se não houver dados em que nos basearmos? Teremos, então, o inusitado, o inesperado, que não é seqüência do estado atual, nem tem com ele qualquer

relação aparente. Coisas futuras não existem, são o nada. Como podem ser anunciadas antes? Impossível! Mas contra fatos não há argumentos. Vejamos um exemplo.

1912 - Do porto de Southampton, na Inglaterra, zarpava em viagem inaugural com destino a Nova Iorque (EUA) o maior transatlântico jamais construído: o Titanic. Seus construtores o consideravam tão perfeito que, orgulhosamente, afirmaram: "*Nem Deus conseguirá afundar este navio*". Mas um enorme iceberg rasgou-lhe o flanco e o navio afundou, naufragou, tragicamente. Quem o poderia prever?

1898 - 14 anos antes dessa tragédia, Morgan Robertson, autor pouco conhecido, escrevia novela de ficção narrando o afundamento de um hipotético navio em *The Wreck of the Titan*, livro do qual existe exemplar na Biblioteca do Museu Britânico.

Ninguém lhe deu, então, maior atenção ou valor. Mas no que o livro narra há várias e impressionantes coincidências com o que de fato aconteceu ao Titanic.

A começar pelo nome do navio, que no livro era Titan e, na vida real, Titanic. Ambos considerados "o maior transatlântico jamais construído" e "impossível de afundar".

Quanto ao peso e medida, no livro constava 70 mil toneladas e 240 metros de comprimento; quase como na realidade, de 66 mil toneladas e 250 metros de comprimento.

O número de passageiros transportados era de 3.000, tanto no livro como na realidade, na maioria pessoas ricas, importantes, famosas, a fina flor da sociedade mundial e, a bordo, o maior conforto e luxo, com camarotes, salões, restaurantes, orquestras e piscinas.

Quanto à rota, foi a mesma, no Atlântico Norte e em viagem inaugural, só que no livro o Titan já estava regressando de Nova Iorque e, na realidade, o Titanic ainda seguia para aquela cidade. Mas o motivo do naufrágio foi o mesmo, a colisão com um iceberg.

E a data? Numa noite de abril, dizia o livro, e na realidade o naufrágio aconteceu na noite de 14 de abril. O número de mortos foi de 1.500 pessoas, a metade dos passageiros. Se o navio demorou para afundar, por que tantos morreram? Livro e realidade apontaram a mesma causa: não havia botes salva-vidas suficientes, já que achavam que não poderia afundar...

A teoria da presciência

Em todo fenômeno, há uma lei que o rege. Sem a conhecer, constataremos o fato, mas não teremos explicação para ele.

Sobre o conhecimento do futuro, Kardec, em *A Gênese*, estudando as predições e os milagres, formula uma interessante Teoria da Presciência, do conhecimento prévio das coisas futuras, que não chega a explicar todos os casos de predição, mas lança princípios fundamentais para a compreensão do processo.

Kardec idealiza um viajor entrando numa estrada. Que sabe ele? Que encontrará ao fim dela, prevê a conseqüência final. O que ignora? Os acidentes que o terreno da estrada possa apresentar, se haverá nela edificações, os caminhantes que acaso encontrará. Tudo isso, para ele, é o futuro, a realidade com a qual não tem contato, que não está no seu conhecimento e independe de sua vontade.

Entretanto, se subir a um monte, verá área de quilômetros ao redor e tudo que nela há, de um ponto a outro da estrada. Com base nesses novos elementos conhecidos, poderá fazer alguns cálculos e previsões, como, por exemplo, em tal momento, encontrarei isto ou aquilo, serei atacado, terei alimento, abrigo.

Em seguida, Kardec fala de nós como viajores da vida universal, em que há realidades muito mais amplas do que normalmente sabemos ou conhecemos e podem estar dando origem a fatos e acontecimentos. Entretanto, como nos são invisíveis, imperceptíveis, constituem para nós, ainda, o futuro ignorado, desconhecido, com o qual não temos contato e sobre o qual não podemos intervir.

Mas, se encontrássemos meio de acesso a essas realidades mais amplas que, por ora, nos são desconhecidas? De posse de novas informações e raciocinando, poderíamos calcular e predizer algo do futuro: falar de coisas que ora não sabemos, anunciar acontecimentos que parecem fora da previsão comum e intervir em coisas que, de outro modo, estariam fora de nossa vontade e poder de ação.

Como poderíamos fazer isso: subindo ao monte mais alto do mundo? Recorrendo à percepção extrasensorial, a que temos como espírito e que é muito mais ampla e perfeita que a dos órgãos físicos. O corpo impede ou limita essa percepção, mas, em desdobramento, transcendemos limites do corpo, retomamos nossa percepção como um ser espiritual. É uma percepção global, pelo perispírito. Alcança o que os sentidos comuns não alcançam no mundo terreno, mesmo a distância, atrás de obstáculos, através deles; e, no mundo espiritual, o que é invisível, impalpável.

Em desdobramento, poderemos ter acesso, ainda, a conhecimentos e recursos de outras vidas que estão velados pelo esquecimento causado pela reencarnação, mas fazem parte do nosso acervo espiritual.

Quando nos encontramos em desdobramento, pois, é como estar num ponto mais alto de observação da vida universal, dali podendo colher informações do mundo físico e do Além, e até divisar algo que, para os habitantes comuns da Terra, ainda é futuro, ou seja, o desconhecido, o imprevisível.

A presciência dos espíritos

Em nós, encarnados, essa percepção perispiritual, extrasensorial, é ocasional, esporádica. Nos desencarnados, é natural e constante. Em relação a nós, os espíritos libertos são como o vidente ao lado de um cego.

Mas nem todos os espíritos enxergam igualmente. Como na Terra há homens mais bem dotados de visão, há espíritos que “enxergam”, que percebem melhor que outros, devido à sua maior evolução.

Nos espíritos inferiores, o perispírito é grosseiro, vela suas percepções, como um nevoeiro, e não permite que eles se afastem muito do plano fluídico ou mundo que habitam. Assim, não vêem nem conhecem todas as realidades e, do que chegam a perceber, nem tudo entendem e nem sempre sabem tirar as deduções mais corretas.

Os espíritos superiores têm perispírito mais sutil, sua vista espiritual alcança maior extensão e penetração e, também, podem percorrer maior porção do espaço universal. Portanto, têm acesso a mais realidades e, do que vêem, tiram melhor entendimento, por isso, podem antever de séculos a milhares de anos. Comparados aos espíritos inferiores, são como quem tem telescópio (ou microscópio) ante os que só têm olhos.

As revelações dos espíritos

Os espíritos vêem mais do que nós. E o que vêem, podem nos revelar por meio das faculdades dos médiuns, tais como:

Vidência – Os profetas geralmente são videntes, como João, o Evangelista, que registra no Apoca-

lipse (1:19): *Escreve, pois, as coisas que viste e as que são e as que hão de acontecer depois destas.*

Audição – *Fala, Senhor, o teu servo te ouve, instrui Eli a Samuel como responder ao espírito que lhe fala em nome de Deus (Sam I 3:1/4).*

E narra o evangelho que a João Batista lhe veio no deserto a palavra de Deus.

Psicofonia – *Ao encontrar-se Saul com um grupo de profetas, o espírito de Deus apoderou-se dele e Saul se pôs a profetizar no meio deles. (I Sam 10:9/13)*

Sonhos – *Conte o profeta o sonho que tiver. (Jeremias 23:28).* Neste item, vale recordar o sonho de Dom Bosco, em 29/8/1883, comentado por Monteiro Lobato (“Na Antevéspera”) e que tem relação com o nosso país.

Preocupado em criar vicariato e prefeitura apostólica na Patagônia (Argentina), em sonho (desdobramento pelo sono) se viu viajando, num comboio, pela lombada dos Andes, de Cartagena (Colômbia) a Punta Arenas (extremo sul do Chile). *Via a superfície e o interior das terras.*

No grau 15, a caminho do grau 20 de latitude, viu riquezas imensas, que um dia seriam descobertas; numerosos minérios de metais preciosos, jazidas inesgotáveis de carvão de pedra, depósitos de petróleo (mais

abundantes como jamais achados). Viu, também, um lago e uma elevação larga e longa (seria o pantanal de Xaraés, no Mato Grosso, e serra da Bodoquena?) Então, ouviu dizerem: *Quando vierem escavar os minerais ocultos no meio destes montes, surgirá aqui a terra da promessa.*

Por que não nos revelam os espíritos tudo e sempre?

Os bons espíritos só fazem revelações quando têm um fim útil, nunca se for apenas para satisfação da curiosidade vã, e revelam unicamente o que não prejudique o ser humano. Revelações prematuras podem tirar o livre-arbítrio, paralisar a ação, o trabalho e o progresso; e, ignorar o bem e o mal com que se poderá enfrentar constitui prova necessária para o encarnado.

Fazem revelações sobre o futuro, ou fazem que seja pressentido, em casos especiais, quando a pessoa tem de concorrer para o progresso geral e precisa preparar o encaminhamento dos fatos, ou estar pronto para agir.

No caso do Titanic, os espíritos saberiam dos planos de construção do navio e quais pessoas os conceberiam, a possibilidade do naufrágio e as causas prováveis e, dos passageiros, quais os em resgate ou provação. Não faltou ajuda premonitória e de orientação: a própria novela, 14 anos antes, talvez fosse endereçada aos construtores e responsáveis pelo navio e a outros

que a lessem, também; três outros navios avisaram, desde a manhã daquele dia, sobre imensas montanhas de gelo flutuando na direção da rota do Titanic, mas o capitão ordenou continuar navegando com a força total das caldeiras; várias pessoas não chegaram a embarcar por motivos diversos, inclusive sonhos e presentimentos. Intervir mais que isso, não foi possível, nem seria recomendável que se fizesse. Os que desencarnaram no naufrágio não ficaram sem assistência e ajuda espiritual na imortalidade. Os 1.500 que se salvaram não estavam comprometidos com a necessidade de resgate, ou precisavam continuar vivendo suas experiências terrenas.

Dificuldades na previsão do futuro

Para perceber bem os fatos e discernir as idéias espirituais, é preciso certo preparo. Senão, visões de simples intenções na mente de alguém podem ser tomadas erroneamente como algo já realizado, e projeções sem fundo real ou rememorativas, serem tidas como fatos reais, quando se trata apenas de ideoplastia.

Além disso, é preciso considerar que tempo e espaço para a espiritualidade não são contados nem medidos como na Terra. E, também, um evento percebido poderá ser apressado ou retardado pelas circunstâncias ou o livre-arbítrio das pessoas, o que fez Jesus nos alertar, quanto ao fim dos tempos: *Daquele dia e hora, ninguém sabe, nem o filho do homem, nem os anjos do céu, senão Deus.*

Jonas e a profecia que não se cumpriu

Enviado por Deus a Nínive (capital do império da Assíria), para profetizar contra ela, anunciando sua próxima destruição, Jonas não o quis fazer e tentou fugir para Társis, num navio. Sobreveio grande tempestade e os marinheiros, verificando por sorteio que Jonas era o causador do mal por rebeldia à ordem divina, lançam-no ao mar e a bonança se faz.

Engolido por grande peixe, Jonas ficou três dias e três noites em seu ventre, simbolismo da situação difícil em que fica quem foge ao cumprimento do dever. Ali mesmo, Jonas, arrependido, ora ao Senhor e dele recebe nova oportunidade, simbolizada no ser lançado de novo à praia.

E Jonas foi a Nínive profetizar. Para percorrer a grande cidade três dias seriam necessários. O profeta pregou o primeiro dia inteiro: *Daqui a quarenta dias, Nínive será destruída!*

Amedrontados pela profecia, todo o povo se arrependeu de sua má conduta, até o próprio rei, que decretou disciplina, não violência, oração e jejum geral, até para os animais. E *Deus se arrependeu do mal que resolvera fazer-lhes e não o executou.*

Sentindo-se desacreditado ante todos, Jonas ficou profundamente indignado e dizia: *Por isso me esquivei, sabia que sois um Deus compassivo, clemente, longânime, rico em bondade e pronto a renunciar aos vossos castigos. Faze-me morrer!*

Deus, isto é, o espírito que falava a Jonas em nome do Criador, perguntou: *Tens razão para te afligires assim?*

Jonas disse que sim e saiu da cidade, construiu uma cabana, sentou-se à sua sombra, talvez esperando para ver o que aconteceria.

Deus fez crescer uma planta do tipo trepadeira, que se levantou acima da cabeça de Jonas, para fazer-lhe sombra e curá-lo de seu mau humor. Jonas se alegrou muito com a planta, mas, no dia seguinte, ao romper da manhã, Deus mandou um verme que roeu a raiz da planta e ela secou. De novo desprotegido ante o sol e o vento ardente, Jonas sofria e desejou, de novo, a morte.

— *É razoável a tua ira por causa da planta?* Indagou Deus.

— *Sim, tenho razão para me irar até à morte,* afirmou Jonas.

— *Tiveste compaixão de uma planta pela qual nada fizeste, que não fizeste crescer, que nasceu numa noite e numa noite morreu. E não hei de ter compaixão da grande cidade de Nínive, onde há mais de 120 mil seres humanos, que não sabem discernir entre sua mão direita e esquerda e também muitos animais?*

Quanta compreensão divina da ignorância humana! De fato, a maioria do povo nem sabe “discernir entre as mãos”.

A responsabilidade é de acordo com o conhecimento e o objetivo do aviso era promover a recupera-

ção e não a destruição. Ante a reação favorável, veio a mudança de planos, o que não significa que os acontecimentos fujam ao controle supremo.

Tudo que envolve interesses mais amplos e gerais da humanidade está regulado pela Providência divina, através de leis naturais, perfeitas e imutáveis e o concurso dos bons espíritos, que lhe executam as ordens.

O que estiver nos desígnios divinos, cumpre-se a despeito de tudo, por um meio ou por outro. Apenas o modo de execução e certos pormenores é que dependem das circunstâncias e do livre-arbítrio das criaturas.

Os homens concorrem para a execução dos planos divinos, mas nenhum, por si só, é indispensável. Deus não está na dependência da criatura. Mesmo Kardec, o codificador; se falisse, se omitisse ou desviasse, já estava previsto um eventual substituto (*Obras Póstumas*, p. 282, “Minha Missão”).

A forma de apresentação

Tem sido, muitas vezes, misteriosa e cabalística, a forma sob que se enunciam as predições, o que as torna como enigmas, às vezes quase indecifráveis.

Essa forma é resultado da percepção imperfeita ou intencionalmente adotada, para não revelar aber-

tamente a todos seu conteúdo. Assim parecem ter sido as profecias do famoso Nostradamus, e correspondem as demais ao modo de outras épocas.

Atualmente, o positivismo do século exige clareza e objetividade nas informações vindas por via mediúnica, mas ainda há quem use essa forma velada, incompreensível e dúbia, para manter indevido prestígio ante o público.

Falsos profetas

Existem falsos profetas que agem de boa-fé, porque eles mesmos estão enganados ou se sugestionam, pensando serem profetas, mensageiros do Senhor.

Já os de má-fé agem conscientemente. Querem fazer pensar que têm um poder sobre-humano e estão investidos de missão divina. Possuem certos conhecimentos e os exploram em proveito de suas ambições, interesses e anseio de domínio.

Recordemos, no sertão de Goiás, em 1682, Bartolomeu Bueno da Silva, parecendo queimar água, quando em verdade era álcool, desconhecido dos indígenas que, apavorados, o chamaram de Anhangüera, “Diabo Velho”, revelando-lhe onde estava o ouro desejado pelo bandeirante.

No Velho Testamento, Jeremias alertava contra os falsos profetas: *Eu ouvi o que disseram esses profetas*

que profetizavam a mentira em meu nome dizendo: "Sonhei, sonhei". É a visão do coração deles que os faz falar...

Também os desencarnados podem ser falsos profetas, razão por que o evangelista João recomenda: *Amados, não acrediteis em todos os espíritos mas provai se os espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo (Jo I, 4:1)*, e Jesus nos aconselha: *Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco cobertos de pele de ovelha e que, por dentro, são lobos vorazes. (Mt 7:15/20)*

É preocupante saber que tanto espíritos encarnados como desencarnados, podem nos enganar, causando prejuízos!

Como reconhecê-los, para evitá-los?

Pelos seus frutos os conhecereis, esclareceu-nos Jesus. Mas a que frutos se referia? Prodígios, sinais extraordinários? Não, porque: Levantar-se-ão falsos Cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas de espantar, a ponto de seduzir, se possível fora, os próprios escolhidos (Mt 24:11 e 24:24).

Sim, os fenômenos dos "demônios" podem ser tão maravilhosos quanto os dos "santos", porque tais prodígios podem ser obra de acontecimentos fortuitos, coincidências, artifícios, ou resultado de conhecimentos cuja aquisição está ao alcance de qualquer um, ou de faculdades orgânicas especiais, que o indigno não se acha inibido de possuir, como a mediunidade.

Como reconhecer a qualidade dos profetas: pelo cumprimento do que predisserem? Ainda podem estar no mesmo caso dos outros fenômenos. E como verificar se os fatos anunciados se cumprem ou não? Temos acesso a eles, especialmente se preditos para muitos anos depois?

Como reconhecer o verdadeiro profeta? Por caracteres “*mais sérios*” e “*exclusivamente morais*”. Que pensa, sente, faz? Seus ensinamentos têm pureza, valor moral? *O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus.* (O Livro dos Espíritos, 624)

Desvia o homem das leis divinas? Então, não é: homem de Deus nem seu servo ou mensageiro, pastor do povo de Deus nem seu vigia ou intérprete, nem homem do Espírito nem íntimo do Senhor, denominações todas usadas para designar os profetas.

Por que somos enganados por falsos profetas e os escolhidos, não? Pela nossa ignorância das coisas espirituais, por nos deixarmos impressionar com as aparências. Gostamos das coisas misteriosas, exóticas, dos rituais, do alarde de poderes ocultos e da promessa de concessões fáceis, tudo feito de forma velada, incompreensível e dúbia. Nossa credulidade é que enseja o surgimento dos falsos profetas. Assim foi com Jim Jones, no fatídico Templo do Povo, na Guiana.

Os “escolhidos” não são enganados. Mas, quem são os “escolhidos”? São aqueles que não têm maus apetites pelos quais possam ser atraídos, os que sabem analisar para reconhecer o verdadeiro profeta.

A indispensável função dos profetas

Ante a possibilidade das fraudes e enganos nas profecias, não seria melhor proibi-las de todo? Não, porque *não havendo profecia, o povo fica dissoluto*. (Provérbios, 29:18)

A função dos profetas é importantíssima, indispensável. Sem a doutrina e ação dos emissários inspirados por Deus, a incredulidade, o egoísmo e a corrupção invadem a sociedade.

Por serem tão necessários, são preparados para sua missão até mesmo antes de nascer, como Jeremias, a quem o espírito do Senhor revelou: *Antes que no seio de tua mãe fosses formado, eu já te conhecia; antes do teu nascimento, eu já te havia consagrado e te havia designado profeta das nações* (Jer 1:5). E o próprio Jesus endossou a atividade deles, ao afirmar: *Não vim revogar a lei ou os profetas; não vim revogar mas dar cumprimento*. (Mt 5:17)

Providencialmente, não faltarão profetas neste mundo, porque a mediunidade está aflorando em muitas pessoas, confirmando o anunciado pelo profeta Joel (2:28): *“Nos últimos tempos, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, vossos velhos, sonhos.*

Poucos desses médiuns virão a ser profetas no sentido maior, o de missionários. Ainda assim, graças a Deus, pelo intercâmbio mediúnicos!

Não extingais o espírito, não desprezeis as profecias, conclama Paulo (I Tes. 5:19/21), mas acrescenta uma recomendação: *Examinai tudo. Retende o que for bom.*

Atendamos ao que Paulo recomenda e, também, ao que aconselha Kardec: empreguemos o consenso universal, ou seja, considerar apenas as mensagens, informações vindas por meio de vários espíritos que demonstrarem elevação, por meio de diferentes médiuns seguros, de confiança, em muitos lugares, em diferentes grupos, e analisá-las sempre à luz da razão e dos princípios fundamentais do Espiritismo.

Não dependamos exclusivamente dos médiuns ostensivos, pois já aprendemos com o Codificador: *Profeta é todo o enviado de Deus* com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Kardec não era médium, propriamente, entretanto, soube ver, entender, revelar com fidelidade.



Médiuns ou não, estudemos as coisas espirituais, usando também o intercâmbio mediúnico. Mas busquemos, principalmente, o desenvolvimento moral, que desmaterializa, alarga o círculo das idéias e da concepção.

Assim, conheceremos e sentiremos mais e melhor as coisas que se referem ao “reino dos céus”, à realidade do mundo invisível e impalpável que para muitos é o oculto.

E entenderemos qual é a vontade de Deus, evidenciada nas leis naturais, perfeitas e imutáveis, que regem os mundos e os seres, e como cumpri-las, como agir acertadamente dentro delas.

Poderemos até revelá-las aos outros, profetizando, nós também, o que a todos nos aguarda.

Nosso passado? Tivemos origem no princípio inteligente criado por Deus. De começo, éramos simples e ignorantes, mas evoluímos através de milenares experiências na matéria, encarnados, ou fora dela, até nos individualizarmos e chegarmos ao que somos hoje, um espírito consciente e responsável.

Nosso presente é o resultado de tudo quanto já aprendemos e fizemos de certo ou errado, através de repetidas reencarnações.

É conseqüência do ontem de nossa vida espiritual, que o nosso hoje deve usufruir, mudar e desenvolver, num permanente esforço contra a ignorância, o materialismo, o egoísmo e a inércia, buscando sempre o reequilíbrio e o aperfeiçoamento.

Nosso futuro, a curto e médio prazo, será bom ou mau, conforme o que estivermos realizando, desde agora, em cada instante. Não importa que não tenhamos dele perfeito conhecimento prévio, porque irá se definindo pelas nossas aspirações e comportamento, e sendo assegurado pelas afinidades que estabelecermos, pelos resultados que gerarmos, segundo a lei de causa e efeito.

Mas, a longo prazo, será fatalmente um destino de grande perfeição e de muita felicidade, pois fomos criados para evoluir, desenvolver as faculdades que trazemos em potencial, passando a usufruir com acerto de tudo que formos capazes de saber, de sentir e de fazer.

A Mediunidade: de Moisés a Jesus

Ser espírita

Ser espírita é **crer em Deus**, inteligência suprema do Universo, causa primária de todas as coisas, único, eterno, imaterial, imutável, onipotente, onisciente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições.

E, também, **no espírito**, que tem sua origem no princípio inteligente criado por Deus e anima a matéria em todo o Universo e, individualizado, torna-se o ser espiritual que pensa, sente e age sobre fluidos, coisas e seres. Preexistindo em relação ao corpo e o transcendendo durante a vida física, o espírito a ele sobrevive após a morte, conservando sempre a sua individualidade.

Ser espírita é crer na **evolução dos espíritos**, que, criados todos simples e ignorantes, partem de um mesmo começo, passam por experiências semelhantes, a fim de desenvolver suas potencialidades, até atingirem um mesmo fim: a perfeição, estágio último em que se frui felicidade total e paz verdadeira.

É igualmente, crer na **reencarnação**, pois, para evoluir, o espírito se liga à matéria e dela se desliga incontáveis vezes. Encarna, desencarna e reencarna, neste planeta ou em outros **mundos habitados**, que os há miríades no espaço infinito.

Ser espírita é crer na **justiça divina** e na **divina misericórdia**, compreendendo que a sabedoria divina, que a tudo prevê e provê, submete o espírito a uma programação, em que lhe dá **livre-arbítrio** para agir, relativo a princípio e mais amplo à medida em que o espírito evolui, regendo-lhe a ação pela lei de **causa e efeito**. Assim, cada ser recebe segundo os seus atos, as suas obras, usufruindo dos resultados, se bons, suportando, se maus, sem que jamais haja condenação eterna.

É crer, ainda, na **solidariedade e comunicação** entre todos os mundos do Universo e entre todos os seres que habitam os diferentes planos da Criação. Envoltos, tudo e todos, no fluido cósmico universal, temos nele o meio que permite nos comuniquemos: de mundo a mundo, através das forças que percorrem o espaço; de pessoa a pessoa, pelos pensamentos e sentimentos ao impulso vontade; e do plano material ao espiritual e vice-versa, pelo intercâmbio mediúnico. Qualquer que seja nosso grau de evolução, sempre temos alguém de quem recebemos o que não sabemos ou podemos, alguém a quem damos do que somos, e alguém com quem permutamos em igualdade os valores da vida: a inteligência, o sentimento e a ação.

Ser espírita, finalmente, é crer no amor, como lei maior que harmoniza todas as coisas e seres e, também, as demais leis divinas entre si.

Ser espírita é crer assim, em tudo isso, não apenas por ouvir dizer e aceitar, mas por conhecer, entender e saber, aliando a fé à razão. E não somente crer assim mas **procurar agir de acordo** com todos esses conhecimentos, a fim de viver em plenitude o preceito evangélico de *amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*.

Entretanto, quando nos declaramos espíritas, qual a reação mais comum, nos que nos ouvem? *Ah, que fala com os mortos! Lida com os espíritos!* Tão-somente porque, entre as práticas espíritas, temos o exercício da mediunidade, que enseja o intercâmbio com o Além.

E argumentam: *É perigoso! Está proibido na Bíblia, o livro sagrado, o livro santo, onde está escrita a lei de Deus.*

A Bíblia

Estudando a Bíblia, verificamos que não é um livro e, sim, um conjunto de livros, escritos não apenas por Moisés mas por vários autores, em épocas diferentes, ao longo de 16 séculos.

Esses livros contam a história dos hebreus ou israelitas, povo oriental da Antigüidade, informando quem eram, como pensavam, em que acreditavam e

como lutaram com outros povos para conquistar uma terra para habitarem, pois inicialmente eram nômades. Contêm, também, as revelações espirituais que receberam ao longo de sua história.

Os livros da Bíblia apenas nos interessam porque os israelitas foram os ancestrais de Jesus, nosso mestre espiritual, que era judeu, de uma das tribos desse povo. Conhecendo melhor os israelitas, seus usos e costumes ao tempo em que Jesus viveu, entenderemos melhor a mensagem do nosso mestre.

Os espíritas nos interessamos pelo estudo da Bíblia, distinguindo nela, porém, uma parte humana ao lado de seu conteúdo divino.

Na parte humana da Bíblia, temos as idéias que os israelitas faziam sobre a origem do Universo, a criação do mundo e dos seres, e a legislação civil e disciplinar, estatuída por Moisés e outros dirigentes israelitas. Como tudo que é humano, nessa parte muita coisa ficou ultrapassada pelo progresso do conhecimento e a mudança dos costumes sociais. Assim foi com a determinação de que a viúva sem filhos teria direito a casar com o cunhado, que os pais deviam levar os filhos rebeldes para serem apedrejados, a escravidão de quem devesse sem poder pagar, a proibição de o filho bastardo freqüentar a congregação, até a décima geração, mandamentos todos que já não mais seguimos.

Na parte divina da Bíblia, encontramos as revelações que mensageiros espirituais fizeram em nome do

Altíssimo a Moisés e aos demais profetas dos israelitas, ensinos superiores sobre as leis de Deus, que regem a vida dos mundos e dos seres e o universo moral. Como tudo que é de origem divina, essa parte dos ensinamentos bíblicos não mudou nem perdeu seu valor, permanecendo atual sempre, como os dez mandamentos.

Não basta, pois, ler a Bíblia, sendo necessário entender, discernir e interpretar o que nela se contém.

Os espíritas, não damos tanto valor ao Velho Testamento, a parte da Bíblia que abrange tudo que aconteceu com o povo israelita antes do nascimento de Jesus, consideramos mais o Novo Testamento, que contém os relatos sobre a vida de Jesus e a de seus apóstolos, e onde encontramos o ensino do Cristo, mensagem mais avançada e aperfeiçoada que a de Moisés. O livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, faz, especialmente, o estudo da parte moral do ensino evangélico.

A proibição do intercâmbio

Feita essa explicação preliminar, perguntemos: Onde se encontra, na Bíblia, a proibição da prática do intercâmbio com o Além? Está no Deuteronômio, cap. 18:9/14, e repetida no Levítico, cap. 19:31, livros atribuídos a Moisés, o grande médium e legislador israelita, e ambos do Velho Testamento, anteriores a Jesus.

Quando entrares no país que Javé, teu Deus, te der, inicia Moisés ao enunciar a proibição. Esclareçamos

que Javé ou Jeová significa “Eu sou”, porque assim se identificou para os israelitas aquele que é eterno, Deus.

A promessa de dar uma terra tinha grande valor para os israelitas, até então nômades. Mas para merecê-la, não poderiam ter práticas más.

Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, começa Moisés listando uma primeira proibição, que era usual em povos daquela época, mas nada tem a ver conosco, os espíritas, embora os jornais ainda noticiem que o façam grupos fanáticos de outras confissões religiosas.

Quem se entregue à adivinhação, aos augúrios, às feitiçarias e à magia, quem recorra aos encantamentos, continua Moisés e igualmente não há relação com as práticas espíritas, mas com aqueles que se apresentam como “madames” ou “professores” e, se remunerados, prometem realizar “trabalhos” que resolveriam todos os problemas humanos.

Quem invoque os mortos, prossegue Moisés, e ficamos sabendo que invocar é pedir ajuda, proteção. Sim, isso os espíritas fazemos, mas também o fazem os que oram aos santos e pedem a ajuda espiritual de seus familiares mortos.

O que se pensa proibir, porém, é o evocar os mortos, chamá-los de algum lugar, nominalmente, fazer que apareçam e se manifestem. Ora, o impossível não

é preciso proibir; se a evocação dos mortos foi proibida é por ser possível obter a manifestação deles.

Tanto é possível que Saul procurou, em Endor, uma pitonisa, ou seja, uma mulher que tinha espírito de adivinhação, uma médium, e pediu *que o fizesse subir a Samuel* e Samuel, já desencarnado, apareceu e falou com ele, dando-lhe notícias tristes (I Sam 28:1/25).

Sim, é possível o intercâmbio com os que se encontram no plano espiritual, graças à **mediunidade**, faculdade inerente ao ser humano, em maior ou menor grau. É uma faculdade natural e os espíritos acorrem a se utilizarem dela mesmo espontaneamente, mesmo sem que os chamemos e, às vezes, até sem serem desejados.

Kardec evocou muitos espíritos e com eles dialogou. Tinha, porém, motivação superior para fazê-lo, a fim de, como pioneiro, conhecer e poder informar à humanidade, na codificação espírita, a origem e destinação dos espíritos, bem como suas relações com o mundo corporal. Já esclarecidos a respeito, atualmente os espíritas não mais precisam evocar nominalmente os espíritos nem os consultam usualmente, apenas, ao nos reunirmos, oramos e aguardamos as manifestações que a santa vontade de Deus permitir se façam em nosso meio.

Os desvios na prática mediúnica

Possíveis e naturais, os fenômenos mediúnicos sempre ocorreram, em todos os tempos e povos, como

o registra a história, geralmente, em ligação com serviço religioso, em que o ambiente se faz mais propício à relação com o plano espiritual. Homens e mulheres eram especialmente preparados para a atividade do intercâmbio, em longos anos de treinamento.

A mediunidade é, simplesmente, a faculdade que nos permite sentir, perceber e intermediar para o nosso plano o pensamento e ação dos espíritos. Diz Allan Kardec que ela se deve a *causas físicas e morais imperfeitamente conhecidas*.

Mas, para o povo, os fenômenos mediúnicos se apresentam como maravilhosos, sobrenaturais e, desde sempre, quem os podia produzir era considerado um ser privilegiado, divino, investido de poderes sobrenaturais, atitude que perdura nos dias de hoje, quando confundem mediunidade com santidade.

Do prestígio e temor que a mediunidade inspira aos leigos, se aproveitavam, na Antigüidade, os círculos sacerdotais que usavam as faculdades mediúnicas e, ao fazerem a orientação religiosa, se atribuíam poder sobre povo e até sobre governantes. Para assegurar esse poder sobre as massas, não hesitavam em fingir fenômenos mediúnicos, imitando-os com práticas de ilusionismo e prestidigitação.

E como os crentes não compreendiam que o intercâmbio mediúnico tem finalidades superiores, como confortar, esclarecer e elevar espiritualmente a humanidade, a tendência geral era de usar a mediunidade para fins pessoais, imediatistas.

Assim, pela má-fé e exploração de alguns e pela ignorância e imediatismo de todos, o intercâmbio mediúnicos acabava sendo desvirtuado, servindo para adivinhações, atendendo a interesses egoístas e puramente materiais, misturando-se com práticas mágicas, fraudes, sacrifícios de animais e até de seres humanos.

Porque Moisés proibiu o intercâmbio mediúnico

Esse o panorama que Moisés encontrou, quando assumiu a liderança do povo israelita. Após quase quinhentos anos vivendo no Egito, o caráter do povo israelita se amolentara em virtude da mescla de hábitos com os estrangeiros, chamados de gentios.

Como legislador e líder, Moisés precisava disciplinar as atividades dos israelitas, corrigir desvios nos costumes, fortalecer o caráter do povo.

Para tanto, proibiu muitas coisas, entre elas a prática mediúnica, que estava generalizada mas era feita de modo inconveniente, prejudicial.

O Espiritismo também não concorda em que se faça mau uso da mediunidade e procura esclarecer quanto à sua finalidade superior, orientando a sua prática, para que haja nela segurança e proveito espiritual, como vemos em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

Mas a proibição de Moisés não era uma condenação da mediunidade em si mesma, visava, apenas, a

reprimir os abusos. Particularmente, Moisés a continuou usando para orientar o povo que acorria a ele e ao qual atendia por sua própria experiência ou mediunizado, englobando as funções de legislativo, executivo e judiciário. E até desejaria que o intercâmbio bem orientado se generalizasse. É o que vemos no episódio registrado em Números (11:26/29), resumido a seguir.

Moisés se queixara a Deus da dificuldade que tinha para conduzir na direção da “terra prometida” o povo israelita, agora muito numeroso e ainda bastante despreparado espiritualmente. Mandou o Senhor a Moisés reunisse na Tenda da Congregação setenta anciãos do povo, prometendo-lhe que “derramaria o espírito” também sobre eles, para o ajudarem na sua tarefa. Na hora preestabelecida, de fato aconteceu de todos os reunidos na Tenda começarem a profetizar, ou seja, a falar sob a influência de espíritos, pois profeta é aquele que fala em lugar de alguém, como seu porta-voz ou anunciador. Fosse hoje, diríamos que os anciãos ficaram mediunizados, mas, naqueles dias, Kardec ainda não criara a palavra médium para designar o intermediário entre os dois planos. Mas os anciãos Eldad e Medad, que por alguma razão, haviam ficado no acampamento, quando as manifestações mediúnicas se deram na Tenda, também, ali mesmo onde se achavam, começaram a profetizar, ficaram mediunizados. Como o intercâmbio mediúnico estava oficialmente proibido para o povo, foram contar a Moisés. Josué, seu auxiliar, queria que ele mandasse impedir a manifestação, mas Moisés lhe disse: *Por que há de ser tão ciumento a meu*

respeito? Prouvera a Deus que todo o povo fosse feito de profetas e que o Senhor lhes desse o seu espírito!

Quando a manifestação mediúncia é superior, benéfica, comprova a vida imortal (que o espírito existe, sobrevive, conserva a sua individualidade), é fonte de ensinamentos espirituais (conforta, esclarece e estimula ao bem) e amplia a fraternidade e o campo de ação entre os encarnados ou não (como o fazem na Terra os meios de comunicação entre povos e continentes). Sendo assim, como ignorá-la, desprezá-la ou proibi-la? Como Moisés, anelamos: *Quem dera que todas as pessoas fossem médiuns e usassem bem suas mediunidades, para que, através delas, os espíritos do Senhor se manifestassem!*

Jesus e a mediunidade

Cerca de 1.300 anos depois, saindo da época de Moisés e do Velho Testamento, entramos na era de Jesus e já não mais encontraremos, no Novo Testamento, nenhuma menção à proibição mosaica. Pelo contrário, ali vemos Jesus utilizando a mediunidade, ensinando e orientando os discípulos na prática desse recurso tão valioso para a espiritualização e progresso moral da humanidade.

Afirmava Jesus a influência espiritual sobre as pessoas e que podemos aceitá-la ou não, como na passagem em que cumprimenta Pedro por ter sido ele o intermediário de um bom espírito (*não foi carne nem*

sangue que t'ó revelou) e, pouco depois, alertando que o apóstolo agora estava sendo intérprete de sugestão de um espírito inferior, por tentar dissuadir Jesus de prosseguir em sua tarefa. (Mt 16:17/23)

E praticou ele mesmo o intercâmbio, a exemplo da passagem em que, orando, se transfigurou e apareceram Moisés e Elias, espíritos materializados, a conversar com ele (Mateus 17:1/18). Também conversou com espíritos inferiores, afastando os que perturbavam pessoas, como o pobre endemoninhado gadareno (Mc 5:1/14).

Também ensinou discípulos a trabalharem com os espíritos, tanto no caso do menino obsidiado, em que afirma: *esta casta de espíritos somente se expulsa com jejum e oração* (Mt 17:21), como ao esclarecer que o obsessor afastado de alguém pode voltar a assediá-lo, se a pessoa não melhorar a sua casa mental. (Lc 11:24/26)

E mandou-os trabalhar com a mediunidade (Mt 10:8), especialmente *ressuscitando os mortos*, ou seja, fazendo-os ressurgir, reaparecer mediunicamente e se comunicarem conosco no cenário terreno. Mas sem nada cobrar pelo exercício mediúnico: *De graça recebestes, de graça dai*.

Moisés proibira o intercâmbio com o Além? Mas Jesus, que é o nosso Mestre, o liberou, com ele aprendemos o exercício da faculdade mediúnica, que Deus sábia e providencialmente estabeleceu, para o esclarecimento, consolo e progresso da humanidade encarnada.

A mediunidade entre os apóstolos

Narra o livro Atos dos Apóstolos (1:5) que, ao ressurgir, Jesus disse aos apóstolos que não se ausentassem de Jerusalém, porque ali, em breve, receberiam um batismo não de água, como o de João, mas de Espírito Santo, isto é, seriam mergulhados em manifestação espiritual superior, teriam assistência espiritual via mediúnica.

O que Jesus prometeu veio a ocorrer no Dia de Pentecostes, festa religiosa dos judeus; também chamada das colheitas, das semanas. A cidade de Jerusalém estava, então, cheia de visitantes, tanto judeus como de homens religiosos de muitas outras nações.

Estavam os apóstolos reunidos no Cenáculo, uma sala de refeições, e *de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados; e apareceram, distribuídas entre os apóstolos, línguas como de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles, e começaram a falar em outros idiomas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.*

O vozerio chamou a atenção dos passantes, que se aglomeraram ao redor e se admiravam: *São galileus, como os ouvimos "falarem das grandezas de Deus" no idioma natal de cada um de nós? Que quer isto dizer?*

Houve quem zombasse: *Estão cheios de mosto, querendo dizer que os apóstolos poderiam estar embriagados.* Pedro explicou que não era embriaguez, por se

rem apenas nove horas da manhã, mas o cumprimento de uma profecia de Joel: *nos últimos dias acontecerá (diz Deus) que do meu espírito derramarei sobre toda a carne; e vossos filhos e filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões, vossos velhos, sonhos*". Essa profecia, que constituía uma promessa de **liberação do intercâmbio mediúnico para toda a humanidade (toda a carne)**, estava sendo cumprida naquele dia.

Em seguida, Pedro falou sobre Jesus, sua vida, seu sacrifício e ressurgimento, e muitos se converteram. Aos convertidos, Pedro assegurou que também receberiam o Espírito Santo, a manifestação de bons espíritos: *a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar, porque, desde então, a mediunidade não seria mais apenas uma possibilidade eventual, mas estaria generalizada, ante a evolução da humanidade e por permissão espiritual.*

Assim, discípulos e apóstolos utilizavam largamente a mediunidade e ficam registrados em Atos dos Apóstolos *muitos prodígios e sinais por intermédio deles (2:43)*, o que fez Eliseu Rigonatti chamar aquele livro de *O Evangelho da Mediunidade*.

Lá estão os fenômenos de efeitos físicos, como os de Pedro e João curando um coxo à porta Formosa, do Templo; a sombra de Pedro curando enfermos (isto é, sua influência magnética alcançando mesmo a certa distância); ainda Pedro em Jope, ressuscitando Tabita (retirando-a do estado cataléptico ou letár-

gico); e Paulo curando enfermos com o seu magnetismo, levando o povo a dizer que Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas, magnetismo que também era transferido até através de suas vestes e lenços. Ainda por efeitos físicos se pode entender aquela vez, em que aos apóstolos orarem, tremeu o local, (4:31), ou podemos achar que vibrações fluídicas foram por todos sentidas, evidenciando os grandes efeitos da oração sincera. E, também por efeito físico, duas vezes um anjo, um mensageiro espiritual, libertou Pedro da prisão. (12:1/18)

Quanto aos efeitos intelectuais, vemos a psicofonia, quando todos ficaram cheios do Espírito Santo (4:31), isto é, foram envolvidos por bons espíritos; ou quando Barnabé e Saulo, por instrução dos espíritos, foram enviados a pregar em outras regiões. (Atos 13:2)

Promoviam a desobsessão, libertando os atormentados por espíritos inferiores. Registravam fenômenos de vidência e audição, como Estêvão vendo, no plano fluídico, Jesus em glória; e Paulo vendo Jesus e com ele dialogando na estrada de Damasco, e posteriormente vendo e ouvindo um espírito que lhe pedia fosse à Macedônia pregar a boa nova.

Fenômenos de predições, como as de Ágabo: uma anunciando grande fome na Judéia, que realmente veio a acontecer, providenciando os cristãos da Antioquia ajuda para os de lá; e outra avisando que Paulo seria aprisionado em Jerusalém.

E como a mediunidade estava liberada, estimulavam seu desenvolvimento e manifestações nos novos adeptos: *Oraram por eles, para que recebessem o Espírito Santo, ou impunham-lhe as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo.* Mas só procediam assim nos que se mostrassem realmente convertidos, conscientizados e dispostos a se renovarem e servirem.

Naturalmente, a prática mediúmica se expandia no nascente movimento cristão. De início, os apóstolos, sendo israelitas, supunham que aquelas manifestações estariam restritas às pessoas de seu povo e de sua raça. Os fatos iriam mostrar que não era só para eles, mas *para toda a carne*, como na profecia de Joel.

Foi o que descobriu Pedro, quando chamado para atender ao centurião Cornélio, na Cesaréia. Esse centurião era um gentio, um estrangeiro, mas homem de fé, temente a Deus e caridoso. Numa tarde, orando, ele teve a visão de um anjo, de um mensageiro espiritual, que lhe disse para chamar Simão Pedro, que estava em Jope, para por ele ser orientado. Os enviados do centurião partiram. Mas, haveria a probabilidade de Pedro não querer acompanhá-los, pois os cristãos estavam sendo perseguidos; para que o apóstolo se dispusesse a atender ao estrangeiro, o plano espiritual se manifestou a Pedro, em uma visão e num alerta especial: *Não faças tu comum ao que Deus purificou*, ou seja, não consideres mal a pessoas que Deus aprovou.

Pedro, então, seguiu os emissários do centurião e, na casa dele, que reunira familiares e agregados para

ouvir a palavra do apóstolo, começou a lhes falar sobre Jesus. Inesperadamente, o Espírito Santo *caiu sobre todos* que ali lhe ouviam a palavra, e *falavam línguas e glorificavam a Deus*. Não eram israelitas, mas tinham fé em Deus e observavam boa conduta, merecendo já o mesmo *batismo do espírito*, o mergulho em manifestações espirituais superiores, que tinham recebido os apóstolos no Dia de Pentecostes. Assim Pedro explicou aos seus companheiros, quando admoestado por haver aberto a gentios os ensinamentos da boa nova.

Paulo orienta a prática mediúnica

A prática da mediunidade se difundiu tanto no Cristianismo nascente, que Paulo sentiu necessidade de instruir a respeito aqueles que se iniciavam no seu conhecimento e exercício. Os capítulos 12 a 14 de sua primeira epístola aos Coríntios pode ser comparada a um sucinto, mini *Livro dos Médiuns*, como fica evidente num breve estudo de algumas de suas proposições.

A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes.

Os cristãos precisam saber que há dons espirituais, carismas, não devem ignorar a existência de faculdades mediúnicas no ser humano.

Quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados.

Quando ainda não conhecia o Deus único, a humanidade adorava deuses representados em imagens, em estátuas; ídolos mudos que não ensejavam o diálogo com os crentes. Com a mediunidade, os seres espirituais nos falam, dialogamos com eles. É uma situação inteiramente nova, na qual se torna necessário discernir, entre os espíritos comunicantes, os bons e os maus.

Por isso vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus e afirma: Anátema Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus! Senão pelo Espírito Santo.

Também João Evangelista convidava a essa análise dos comunicantes, alertando: *Amados, não acrediteis em todos os espíritos, mas experimentai se os espíritos são de Deus.* (I Jo 4:1/13)

A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando um fim proveitoso. Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidades nos serviços mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos.

As faculdades mediúnicas são muito variadas e, com elas se fazem diferentes serviços, realizações diversas. Mas é sempre o elemento espiritual se manifestando, segundo o que as leis de Deus permitem e objetivando um propósito divino, um fim proveitoso, o da evolução e aperfeiçoamento moral dos seres.

Continuando em suas instruções, nesse mini *Livro dos Médiuns*, Paulo relaciona mediunidades e as classifica, dizendo que a uns é dada, pelo espírito, a palavra de sabedoria (transmitem a fala de espíritos sábios); a outros, a palavra de conhecimento (a fala de espíritos eruditos); a outros, ainda, a fé (as expressões de convicção, de fervor religioso), ou os dons de curar e os de operar maravilhas (produzir efeitos físicos), os de discernimento de espíritos (a percepção da natureza dos comunicantes), a variedade de línguas (xenoglossia) e a capacidade de interpretá-las (entender telepaticamente o conteúdo mental delas).

Ponto importante das instruções de Paulo é quando compara a *ecclesia*, o agrupamento cristão, com um corpo, do qual Cristo é a cabeça e cada participante, com sua faculdade, um membro desse corpo; que, embora com muitos membros, corpo é um só, cada membro faz parte dele e todos precisam um do outro. E pede o apóstolo *que não haja divisão* no corpo, pelo contrário, cooperem os membros com igual cuidado, em favor uns dos outros.

Preocupa-se Paulo, também, com a ordem na reunião mediúnica, recomendando que, quando nos reunimos para o intercâmbio, cada qual com sua faculdade mediúnica, *seja tudo feito para edificação, com decência e ordem*; que nas mensagens falem dois ou três apenas e os demais analisem, e que elas sejam em seqüência e não a um só tempo, *para todos aprenderem e serem consolados*; que *os espíritos dos profetas* (os que falam por meio dos médiuns) *estão sujeitos aos próprios profetas* (sob controle dos médiuns) e que *Deus não é Deus de confusão*; e, sim, de paz.

Aconselha o apóstolo que se procurem com zelo os melhores dons, deixando claro que a melhor mediunidade será a que for mais útil e adequada à edificação dos participantes, pois a xenoglossia, por exemplo, pode ser *senal para os incrédulos*, mas se não interpretada, *só Deus entende* e o médium, então, *fala mistérios e a si mesmo se edifica*. Se não houver quem inteprete, é melhor o médium ficar calado, ou então, *ore para que a possa interpretar*. Considera Paulo ser melhor a profecia, a mediunidade falante, no idioma comum ao grupo, porque é *para os que crêem*, todos entendem e edifica os que a ouvem, exortando, consolando.

Posto que desejais dons espirituais, diz o apóstolo para aqueles que queiram desenvolver faculdades mediúnicas e com elas trabalhar na seara cristã, *procurai progredir para a edificação da igreja*, ou seja, que se exercitem estudando, orando e servindo nas atividades do grupo.

Mediunidade e caridade

E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente.

Finalmente, coroa Paulo os seus ensinamentos sobre os dons espirituais, as faculdades mediúnicas. Depois de estimular sua busca, exercício e aperfeiçoamento, afirma haver algo que ele considera melhor caminho, ainda, para nossa realização espiritual do que as mediunidades.

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou o címbalo que retine.

Podemos intermediar a fala dos espíritos e não nos darmos conta de seu significado e valor. Neste caso, nos assemelharemos a um sino ou campainha que produz sons sem os entender.

Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.

Ser intermediário das mais sublimes e reveladoras mensagens, conhecer tudo do plano espiritual ou terreno, ter plena convicção das coisas espirituais, mas não ser caridoso, fraterno? É apenas dispor de recursos para ação superior, mas não estar realizado espiritualmente. É perfeita a coerência entre esse ensinamento paulino e a diretriz espírita “fora da caridade não há salvação”, proposta por Kardec.

Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

Doar bens aos carentes evita os efeitos danosos de se reter recursos sem os usarmos acertadamente; o sacrifício do corpo não substitui a oferta que se deve fazer do próprio eu. Qualquer atitude ou ação que não

traduza o sentimento maior, o amor, não passa de mera exterioridade.

É, então, que o apóstolo Paulo fala sobre o amor.

O amor é paciente, benigno.

Quem está inspirado pelo amor age com calma e perseverança e só faz o bem.

Ele não arde em ciúmes, não se ufana ou ensoberbece.

Quem ama não tem inveja de ninguém, não exalta a si mesmo, pois seria diminuir o outro.

Não se conduz inconvenientemente nem procura os seus interesses.

Sua conduta não é temerária, precipitada nem indecorosa, e não age egoisticamente.

Não se exaspera, não se ressentido do mal, não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.

Aquele que ama não se irrita nem se descontrola, não se melindra nem se ofende, não se alegra com a injustiça, pois que não beneficia o próximo, mas se regozija com a verdade, porque somente ela constrói o bem de todos de modo duradouro.

O amor tudo sofre, crê, espera, suporta.

Recebe agressão, calúnia, prejuízo sem revidar com o mal. Confia, em tudo e em todos, pois tudo e todos são obra divina. Aguarda, porque sabe que Deus nada inútil ou mau faz e, portanto, seja o que for que se nos depare, situações ou pessoas, ao fim haverá sempre uma solução, proveito ou compensação. E, assim, quem ama consegue ser forte, capaz de agüentar ou superar cargas, trabalhos, sacrifícios.



Há mais de três mil anos, Moisés proibira o exercício da mediunidade, para evitar seu mau uso ou desvios na sua prática, mas particularmente a exercia e a desejava para todo o povo.

Dois mil anos depois, estando a humanidade mais consciente do valor e finalidade das faculdades mediúnicas Jesus ensinou, exemplificou e recomendou sua prática.

Há alguns séculos, os que dominavam o movimento cristão voltaram a ocultar os dons espirituais.

Mas, em meados do século 19, os espíritos do Senhor, promovendo manifestações mediúnicas por toda a parte, romperam o indevido bloqueio dos dons espirituais e Allan Kardec, codificando os ensinamentos dos imortais, orientou e disciplinou a prática mediúnica, encaminhando-a para seus elevados obje-

tivos espirituais: esclarecimento, consolação e maior vivência espiritual.

Iluminados pelo entendimento espírita, usemos a mediunidade sem nenhum receio, mas, também, sem abuso, com respeito e responsabilidade, sem nos deixarmos levar pelo egoísmo, que a pretenda restringir a nós e aos nossos, e, sim, com amor, para o serviço do bem a toda a humanidade.

Mediunidade e Evangelho

É a mediunidade, como já vimos, a faculdade humana de perceber, sentir a influência e ação dos espíritos e de intermediá-las para o plano terreno. De modo sutil, ocasional, todos fazemos isso, mas em algumas pessoas a faculdade mediúmica enseja intercâmbio ostensivo, freqüente e regular com o plano espiritual. Kardec as denominou “médium”, palavra latina neutra, significando o que está no meio, o intermediário entre dois planos.

Evangelho é palavra grega, quer dizer boa nova, pois foi motivo de grande alegria para a humanidade a vinda de Jesus ao mundo e a mensagem que ele trouxe, de amor e de libertação espiritual para todas as criaturas. Se dissermos evangelhos, estaremos nos referindo aos quatro livros do Novo Testamento que relatam a vida de Jesus, seus ensinamentos e seus feitos, e que foram escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João.

Respeitável é a antigüidade do Evangelho, cujos livros foram escritos há quase dois mil anos, em 50 a 70 d.C. Mais antiga do que ele no mundo é a mediunidade.

nidade, uma vez que os livros históricos e religiosos da humanidade registram os fenômenos de manifestação dos espíritos a ocorrerem em todas as épocas e nos mais diferentes povos e lugares.

Antiga quanto a presença do homem sobre a terra, a mediunidade também está presente no Evangelho, em todos os seus quatro livros. Em inúmeras passagens os espíritos se manifestam às pessoas e Jesus informa aos discípulos sobre a faculdade mediúmica, ensinando e orientando sua prática.

Quanto à proibição de Moisés a respeito do intercâmbio com os mortos (Deut. 18:9/14 e Lev.19:31), também já vimos que aquele líder israelita só o fez para coibir consultas em assuntos pueris, por motivos egoístas, imediatistas, para que não se fizesse dela um comércio, cobrando pelo seu exercício, e que, particularmente, continuou empregando a mediunidade para se comunicar com Deus, ou melhor, com os espíritos que lhe falavam em nome do Altíssimo. Vimos, também, Moisés desejando *“que todo o povo fosse feito de profetas e que o Senhor lhes desse o seu espírito”* (Num. 11:10/30), isto é, fossem porta-vozes, médiuns, e servissem de intermediários para os bons Espíritos virem instruir moralmente a humanidade.

Moisés proibiu, mas não é ele o nosso mestre e sim Jesus e, em todo o Novo Testamento, não há uma única menção de que seja proibido o intercâmbio com os chamados “mortos”, lembra Allan Kardec, no livro *O Céu e o Inferno*.

Aliás, que “mortos”? Não esclareceu Jesus aos saduceus (Lc 20:38) que “*Deus não é Deus de mortos e sim, de vivos; porque para Ele todos vivem*”? Nosso intercâmbio nunca é com mortos mas com os que vivem num plano além, o mundo espiritual, de onde um dia viemos e para o qual iremos todos retornar.

Em termos de Evangelho, portanto, o intercâmbio mediúnicos é perfeitamente natural e livre de qualquer proibição.

Quem são os comunicantes?

As almas dos mortos não podem se comunicar conosco! alegam alguns. As almas, porém, não devem saber disso, pois continuam se comunicando, respondemos. Os que se comunicam são demônios, contra-argumentam. Esclareçamos, então.

Para os gregos, demônio significava apenas um gênio, um ser espiritual, e podia ser bom ou mau; o *daimon* de Sócrates, por exemplo, era um espírito bom que o aconselhava e orientava na vida. Para os judeus, demônios eram as “almas dos homens maus” (*A Guerra Judaica* 7:6,3, de Flavius Joseph).

A idéia atual nas igrejas cristãs é de serem os demônios seres criados inicialmente como anjos (à parte da humanidade, portanto), mas que se teriam rebelado contra Deus e, desde então, estariam sempre querendo conduzir os homens à perdição.

Podemos admitir haja espíritos eternamente rebeldes à vontade de Deus? O Criador não é onisciente, sábio, bom e onipotente? Então, ao criar tais anjos sabia que eles se rebelariam. E como não evitou que o fizessem? Como não os controla? Por que não os redime?

Todas estas perguntas são desnecessárias, porque causadas por uma idéia falsa, errônea, pensamento de homens, uma vez que não há seres criados à parte da humanidade. Todos os seres espirituais foram criados simples e ignorantes, todos passam por experiências semelhantes e têm a mesma destinação para a perfeição e a felicidade. Os chamados anjos também são seres espirituais criados da mesma maneira, apenas se mostram mais evoluídos, porque criados há mais tempo, alcançaram a individualização muito antes de nós.

Aos espíritos ainda rebeldes ao bem, além de chamá-los de demônios, são dadas várias denominações. Diabo significa acusador, caluniador, segundo a Bíblia de Jerusalém; às vezes traduz o hebraico Satã, que significa adversário. Adversário do bem, é claro.

Sabendo esse significado, poderemos entender melhor certas passagens de Jesus, como aquela em que alguns discípulos o abandonam (Jo 6:71), e o Mestre diz: *Não vos escolhi a vós, os doze? Contudo, um de vós é diabo.* É que Judas, sob a influência de maus espíritos, se fizera adversário do bem. E no episódio com Pedro (Mt 16:13/28 e Mc 8:27/33), inicialmente o Mestre o congratula, por ter sido o médium da afirmação de que Jesus era o Cristo. Pouco depois, porém, Jesus lhe

diz: *Afasta-te de mim Satanás que me serves de escândalo, porque não estás pensando nas coisas de Deus, mas sim nas dos homens*, porque Pedro, agora sob a inspiração do adversário do bem, tentava dissuadi-lo de prosseguir em sua missão.

Quanto a Lúcifer, a palavra quer dizer: que tem luz, portador de luz, e é a denominação do planeta Vênus, a estrela da manhã. Desde o século terceiro, porém, vem sendo indevidamente aplicado a Satanás, porque fizeram uma relação errônea entre duas passagens bíblicas, a saber:

- O Rei da Babilônia ostentava grande poder e glória e orgulhosamente se acreditava maior que Deus, mas veio a sofrer um processo obsessivo, perdendo todo o seu poder e passando a se sentir como um animal, até comendo feno. Aludindo a essa queda, o profeta Isaías (14:12) o compara, então, a Lúcifer, estrela da manhã, que antes brilhava tanto, mas depois era como uma estrela caída.
- Os discípulos relatam a Jesus que haviam conseguido fazer afastamento de espíritos maus e o Mestre lhes diz (Lc 10:18): *Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago*, aludindo aos adversários espirituais do bem sendo rapidamente desalojados.

Foi assim que Lúcifer passou a ser Satanás. De Lúcifer (estrela que caiu) e Satanás (caindo do céu)

fizeram uma coisa só, mas são dois episódios diferentes, que em comum só têm o simbolizar uma queda espiritual, o mal perdendo o seu poder.

Maus espíritos à luz do Espiritismo

Os pretensos demônios, diabos, Lúcifer ou Satanás são apenas as “almas dos homens maus”, rebeldes ao bem porque ainda pouco evoluídos, mas também irão progredindo e se aperfeiçoando.

Assediam e perturbam as pessoas que lhes oferecem algum motivo ou sintonia, em razão do passado ou do presente.

Para desfazer a situação constrangedora que exercem, não basta querer expulsar, afastar o espírito perturbado ou perturbador. É preciso procurar esclarecê-lo e encaminhá-lo para o bem. E também é necessário agir, sobre o encarnado afligido, explicando-lhe o porquê daquela influência e orientando-o a como se libertar, vigiando, orando e se empenhando na prática do bem. É o que fazemos, os espíritas, nas chamadas reuniões de desobsessão.

Aí enfrentamos outra acusação: *quem lida com os espíritos tem parte com o demônio!* Dessa acusação nem o próprio Jesus escapou, em várias oportunidades disseram que ele tinha parte com o demônio. Jesus lidava mesmo com os chamados demônios, mas já vimos serem eles apenas espíritos maus. Quantas pessoas Jesus

libertou do assédio deles! O endemoninhado na sinagoga de Cafarnaum; o de Gadara, que vivia perto de túmulos; a filha da mulher cananéia, ou siro-fenícia; o menino que desde a infância era periodicamente convulsionado por um espírito.

Alguns desses maus espíritos reconheciam a autoridade espiritual de Jesus e, por vezes, a queriam proclamar: *Tu és o filho de Deus!* (Lc 4:31/37), mas Jesus não deixava, porque essa revelação prematura prejudicaria sua missão, expondo Jesus aos seus adversários antes do tempo. (Mc 1:34)

Já os adversários encarnados de Jesus não lhe queriam reconhecer a autoridade espiritual (Mt 12:22/37 e Mc 3:20/30), por isso o acusavam de ter parte com o demônio, como nesta passagem:

Trouxeram-lhe um endemoninhado cego e mudo (por influência do espírito sofredor ou perturbador que lhe impedia a função dos sentidos, o homem assim se sentia), e ele o curou, de modo que falava e via (afastado o espírito, cessou o impedimento e o homem recuperou as funções de ver e ouvir).

E toda a multidão, maravilhada, dizia: *É este porventura o Filho de Davi? (o Messias que tanto esperavam)* Mas os fariseus, despeitados, acusavam: *Este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios.*

Baal era o nome de muitos deuses dos gentios, dos não israelitas. Baalzebub ou Belzebu era um

deles e tinha muitos seguidores. Os israelitas, exclusivistas e sectários, ciosos do seu Deus único, consideravam Belzebu não só um adversário de Jeová mas o principal deles, o maior dos demônios, o principal deles, Satanás.

Jesus respondeu à acusação, argumentando:

Se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo, como subsistirá, pois, o seu reino? Se o adversário do bem estiver combatendo o mal, irá favorecer o bem.

E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam os vossos filhos? Entre os israelitas havia exorcistas, que tinham “filhos”, isto é adeptos, discípulos, seguidores. Por isso, eles mesmos serão os vossos juizes. Todos eles sabiam como afastar maus espíritos e que para o fazer não era preciso ter parte com Belzebu.

Mas, se é pelo espírito de Deus, que eu expulso os demônios, (os maus espíritos) logo é chegado a vós o reino de Deus. Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto será bom; ou fazei a árvore má e o seu fruto será mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. É o que, ainda hoje, os bons Espíritos nos recomendam: analisar a natureza dos espíritos comunicantes, se são bons ou maus, pelo que fazem e dizem, como dizem e os sentimentos que inspiram.

Aos espíritas, porque lidamos com os espíritos, às vezes nos dizem que temos parte com o demônio. Essa

ignorância, maldade e injustiça quase nos entristece, mas logo lembramos de Jesus, avisando e alentando aos seus seguidores: *Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?* (Mt 10:25) Então, prosseguimos confiantes.

Manifestações espirituais no Evangelho

Não apenas de espíritos maus e não somente com Jesus são as manifestações de espíritos registradas nos evangelhos. Das primeiras até as últimas páginas, os bons espíritos ali estão se comunicando, com frequência e naturalidade.

Os anúncios dos anjos

Anjos aparecem a várias pessoas... Ah, esses, podem! – nos dirão – não são almas de mortos, mas anjos, seres espirituais diferentes da humanidade, que Deus criou já perfeitos, para o servirem.

E por que não nos criou já perfeitos, também? Deixou-nos expostos ao erro e ao sofrimento e a eles, não? Seria injusto!

Mas já vimos que não é assim. Ângelus quer dizer mensageiro, apenas isso, e é a denominação dada aos espíritos que trazem anúncios, notícias do mundo espiritual. Para isso se fazem vistos e ouvidos por quem for médium de vidência ou audição, ou produzem no

ambiente efeitos físicos que todos percebem: aparição, voz direta, escrita direta.

Entendendo melhor o que seriam os anjos e sua função, examinemos algumas passagens evangélicas.

A Zacarias apareceu um “anjo do Senhor” (viu um bom espírito, mensageiro do mais Alto) que lhe anunciou o nascimento de um filho com missão especial; disse certas características, recomendou cuidados na educação e indicou o nome que lhe devia ser dado: João. E o anúncio se cumpriu! Como pôde ser anunciado antes? É que o espírito preexiste ao corpo. O filho anunciado era Elias que se iria reencarnar.

A Maria também foi anunciado pelo anjo um filho com missão especial. Na ocasião do anúncio, Maria ainda era virgem e não ficou fisicamente grávida por isso. A notícia apenas adiantava que entre ela e o futuro filho já se estabelecera uma ligação espiritual, era uma “obra do Espírito Santo”, uma ação da espiritualidade superior, que fazia parte do planejamento da encarnação de Jesus.

Aos pastores, apareceu um anjo, anunciando-lhes o nascimento do Salvador. Depois, apareceu um “exército” celestial, cantando louvores a Deus e manifestando boa vontade para com os homens. Ao fim da manifestação, “se retiraram para o céu”, expressão usada para dizer que deixaram de serem vistos e ouvidos no campo físico.

Comunicação espiritual em sonhos

Pelo sono do corpo se dá o desdobramento perispiritual e a conseqüente emancipação parcial, em que retomamos as nossas funções como espírito; do que vivenciarmos nesse estado, poderá ficar lembrança ou recordação, no chamado sonho espírita.

Assim foi que José recebeu em sonhos três avisos: sobre a “gravidez” de Maria ser apenas uma ligação espiritual; para fugir para o Egito; e depois, para retornar de lá.

Também os Magos, que não eram reis e nem três, depois de terem visto o Messias encarnado, também foram avisados em sonhos para não retornarem a Herodes.

E a mulher de Pilatos pediu a ele: *Não te envolvas na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele.* (Mt 27:19)

O Espírito Santo sem mistério

De início, nas narrativas evangélicas, as manifestações mediúnicas eram mencionadas, apenas, como produzida por espírito, que às vezes era bom, às vezes mau. Posteriormente, acrescentaram “santo”, para identificar o espírito bom, e “demônio”, para designar o espírito mau, e a coletividade de todos os bons espíritos, pela designação de “Espírito Santo”; por ser uma coletividade, pode ele agir realizando tudo, por toda parte.

Entendamos melhor, também, certas expressões que surgem nos Evangelhos, relativamente à expressão Espírito Santo, como:

- “Ficar cheio do Espírito Santo”, significa ser envolvido por um espírito bom e, sob influência dele, falar ou fazer algo. Isabel, grávida, ao receber visita de Maria ficou “cheia do Espírito Santo” e falou. Zacarias “cheio do Espírito Santo” louvou a Deus.

- “O Espírito Santo estava sobre ele”, traduzindo: estar bem assistido espiritualmente, sob a influência de bons espíritos.

Isso foi dito sobre Simeão, um profeta. Foralhe revelado, que não morreria antes de ver encarnado o Messias que tanto esperavam. No dia em que Jesus recém-nascido estava sendo apresentado por seus pais, no Templo, Simeão tinha ido lá “pelo espírito”(avisado, intuído) e pôde agradecer a Deus, ter visto o Salvador já encarnado.

Naquela hora, também chegou ao Templo a profetisa Ana (havia também mulheres médiuns), e ela dava graças a Deus e falava a todos sobre o menino como Salvador, como fora informada mediunicamente.

Por que para eles e não para outros a revelação? Porque mereciam a assistência dos bons Espíritos. Simeão era homem justo e piedoso (de fé, religioso, devoto). Ana era viúva há muitos anos, mantinha exem-

plar conduta; e também tinha grande sentimento religioso; apesar de idosa, 83 anos, ia sempre ao Templo, servindo a Deus com jejuns e orações. Lendo esta passagem, pensamos nas senhoras idosas que devotadamente atuam na casa espírita e, também, em outras religiões; Deus as abençoe!

Em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, também somos instruídos que, se quiser merecer assistência dos bons Espíritos, o médium deve comportar-se cristãmente, respeitar sua mediunidade, valorizá-la e só a empregar para o bem, nada cobrando por seu exercício.

A mediunidade de João Batista

A João (filho de Zacarias), no deserto (no ermo) lhe veio a “palavra de Deus” (Lc 3:2), ou seja, ouviu um espírito lhe falar (tinha, portanto, mediunidade de audição) e era um bom espírito, o que lhe falava, porque a palavra era de Deus, mensagem vinda da espiritualidade superior.

O que me enviou a batizar com água, contou João, me disse: *Aquele sobre quem vires descer o espírito e sobre ele permanecer, esse é o que batiza com o Espírito Santo* (Jo 1:33). Eram instruções de como reconhecer o Messias, haveria uma manifestação espiritual sobre ele.

João saiu a pregar que o Messias estava chegando. A quem se arrependesse, batizava, mergulhava no rio

Jordão, simbolizando o arrependimento e desejo de renovação para receber o Salvador.

E Jesus se apresentou a João Batista para ser por ele batizado, mergulhado na água. Não que precisasse se arrepender, apenas para se cumprir o que fora programado espiritualmente: que João recebesse o sinal anunciado e esperado. Após o batismo, quando Jesus orava à margem do rio, João, como médium vidente, viu “os céus se abrirem”, enxergou no plano espiritual, habitualmente invisível aos nossos olhos.

E o que viu? Viu o “Espírito de Deus”, um bom espírito em nome de Deus, descendo e vindo sobre Jesus *como pomba*, em manifestação suave, tranqüila, e *ouveu-se uma voz do céu: Este é o meu filho amado, em quem me comprazo*. Era a apresentação de Jesus feita pelo plano espiritual. Se todos ouviram, o fenômeno foi de efeito físico, voz direta ou pneumatofonia, se somente João ouviu, foi por sua mediunidade de audição.

João Batista não apresentava mais tantas mediunidades nem tão ostensivas, como na encarnação anterior em que fora Elias, mas era médium e Jesus confirmou sua faculdade, na passagem em que afirma ser o Batista *muito mais do que profeta* (Mt 11:2/19; Lc 7:18/35), porque João não era apenas um médium comum, mas um missionário, com a tarefa especial de preparar o caminho para o Cristo e por isso denominado “o Precursor”.

Jesus, um médium?

Para o povo israelita, Jesus também era um profeta. Diziam dele: *Verdadeiramente este é o profeta* (Jo 7:40), porque o reconheciam como o Cristo, o escolhido para porta-voz da mensagem divina, o enviado para a redenção de Israel. Mas seria Jesus um mero intermediário, um médium?

Fenômenos anímicos de Jesus

Em muitos dos fenômenos produzidos por Jesus se vê que ele podia e sabia agir por si mesmo. Quando a pessoa age com seus próprios recursos, não se trata de fenômenos mediúnicos, mas de fenômenos anímicos, da própria alma. Jesus podia curar sem o concurso de outros espíritos, pois possuía magnetismo superior e produzia constantemente fluidos bons.

Esses fluidos bons podiam ser captados pelas pessoas com sua fé, como no caso da mulher hemorroíssa. Ou podia ele intencionalmente emití-los, com sua vontade ativa e poderosa, como quando disse ao leproso que lhe pedia o curasse: *Quero! Fica limpo!* (Mt 8:1/4)

Às vezes, empregavam-se ao mesmo tempo os dois processos, que Kardec chamou de bomba calcante e bomba aspirante; assim, Jesus curou paralíticos, cegos, surdos (mesmo de nascença), leprosos, o homem da mão atrofiada, a febre da sogra de Pedro.

Jesus também captava e transmitia o pensamento, em fenômenos de telepatia.

Aos escribas que pensavam: *É blasfêmia, só Deus pode perdoar pecados*, porque dissera ao paralítico *Perdoados estão os teus pecados*, Jesus, “percebendo os seus pensamentos”, indagou: *Por que arrazoais o mal em vossos corações?*

Ao chegar certa vez em casa, perguntou aos apóstolos: *Que discutiam pelo caminho?* Eles calaram, porque vinham disputando quem era o maior. E Jesus, que o sabia, ensinou: *Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro e o servo de todos.* (Mc 9:33/37)

A mulher samaritana, à beira do poço de Jacó, demonstrou haver captado o pensamento dela, ao dizer *Cinco maridos tiveste e o que agora tens não é teu marido.* (Jo 4:18)

Também por si mesmo, sem o concurso de outros espíritos, Jesus andou sobre as águas do lago de Genesaré, levitando, para ir ao encontro dos discípulos.

E até anunciou acontecimentos futuros, por exemplo, profetizando a destruição de Jerusalém. Essa cidade era o centro religioso dos judeus e a vinda de Jesus tinha sido para eles grande oportunidade de crescimento espiritual. Rejeitando-o, preferindo continuar nos seus erros e atos maus, ficariam expostos à sanha de seus inimigos, nas conseqüências da lei de ação e reação. Jesus podia antever isso e lamentou a futura des-

truição daquela cidade: e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não conhecestes o tempo da tua visitação (Lc 19:44). Também estamos, cada um de nós, ante “o tempo de nossa visitação”, tendo a oportunidade do bem nesta reencarnação; que saibamos aproveitá-la, acolhendo o Cristo em nossa alma e agindo acertadamente.

Apresentava Jesus, igualmente, fenômenos de clarividência, vendo a distância, através de corpos opacos. Narra o evangelho que Filipe trouxe Natanael para conhecer Jesus e o Mestre, quando o viu se aproximando, afirmou: *Eis um verdadeiro israelita em quem não há dolo.* — *Donde me conheces?* se admirou Natanael, e Jesus informou: — *Antes que Filipe te chamasse, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira.* Ante tal prova, Natanael creu em Jesus. Mas o Mestre respondeu: — *Porque te disse: Vi-te debaixo da figueira, crês? Coisas maiores do que estas verás.* (Jo 1:48)

Fenômenos produzidos com ajuda de espíritos

Dirigindo-se, em seguida, a todos os discípulos, assegurou: *Em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem* (Jo 1:51). Já sabemos que “ver o céu aberto” equivale a enxergar no plano fluídico, espiritual, e que “anjos de Deus” são os espíritos mensageiros da parte de Deus. Mas, que entender por “subindo e descendo sobre o Filho do Homem”? Que os bons espíritos estariam em constante intercâmbio com Jesus, ajudando-o em sua missão, o que de fato acontecia sempre.

Pela ajuda constante de uma equipe espiritual, Jesus podia fazer curas a distância. Explica-se, assim, que, estando ele em Caná da Galiléia, pôde curar o filho de um oficial do rei, em Cafarnaum, como relata João. (4:46/53)

Um centurião romano percebeu bem isso. Mandara pedir a Jesus lhe curasse um servo doente, mas sabia que o Mestre não precisaria ir até a sua casa, *Dize uma palavra e o meu servo será curado*, porque os bons espíritos que assessoravam Jesus lá iriam atender o enfermo.

Foi com essa ajuda espiritual que Jesus orientou dois discípulos, na preparação da Páscoa: *Quando entrardes na cidade, sair-vos-á ao encontro um homem levando um cântaro com água; segui-o até a casa em que ele entrar*. Aconteceu como Jesus previra, porque ele havia previamente planejado com os bons espíritos sugerirem ao homem, num exato momento, sair para buscar água, de modo que se encontrasse com os discípulos quando eles estivessem entrando na cidade. (Lc 22:7/13)

Também com a cooperação de sua equipe espiritual é que Jesus realizou a multiplicação de pães. Kardec prefere ver o episódio como simbólico: Jesus teria “alimentado” as almas dos que o ouviam. Mas, se ocorreu como relata o evangelho, teria sido um fenômeno de efeitos físicos, para o qual Jesus recorreu à ajuda espiritual, pois, *erguendo os olhos ao céu abençoou os pães e, tendo dado graças, repartiu e então mandou distribuir*.

Jesus comunicava-se com os espíritos, como vemos a seguir:

— Ao acalmar a tempestade no lago de Genesaré: *repreendeu o vento, e disse ao mar: cala-te, aquieta-te. E cessou o vento, e fez-se grande bonança.* (Mt 8:18, 23/27; Mc 4:35/41) Não foi com os elementos naturais que Jesus falou, pois não teriam inteligência para entender e atender, e sim com os espíritos que promoviam aqueles fenômenos. Aprendemos, nas questões 536 a 540 de *O Livro dos Espíritos*, que espíritos ainda afins com a matéria e sob o comando de entidades mais evoluídas, agem na condução dos fenômenos da natureza, sem que os confundamos com seres imaginários, como os duendes, fadas, gnomos, ondinas ou nereidas.

— Um espírito adversário pediu a Jesus autorização para “cirandar” com Pedro, experimentá-lo na sua fidelidade e coragem; fica evidente na seqüência, que Jesus o ouviu e lhe respondeu, com ele dialogando, portanto.

A transfiguração

Este episódio evangélico requer comentário mais extenso. Foi num alto monte que o fenômeno aconteceu; diz a tradição que o monte era o Tabor, para outros foi no Hermon, perto de Cesaréia de Filipe. Vamos, nesse acontecimento ao ar livre, que o culto a Deus e as manifestações espirituais não dependem de local especial nem de igreja suntuosa.

Jesus fora ali com o propósito de orar, um objetivo espiritual puro e elevado; e quando orava, transfigurou-se, porque se desdobrou, transcendeu ao corpo e ficou perispiritualmente resplandecente.

Ao seu lado apareceram Moisés e Elias e Jesus conversava com eles, sobre sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém, assunto sério, necessário ao bem comum pelo que significaria.

Estavam presentes Pedro, Tiago e João, provavelmente os médiuns de efeitos físicos no grupo de apóstolos, pois Jesus sempre os tinha perto de si ao operar fenômenos desse tipo; e como médiuns de efeitos físicos “adormeceram” no início do fenômeno (fase de fornecimento do ectoplasma), despertando depois, para ver Moisés e Elias já materializados.

A relevância desta passagem inicialmente está em que não se pode alegar fossem Moisés e Elias seres espirituais à parte da humanidade; eram dois “mortos” bem vivos, seres humanos que tinham vivido na Terra. Em seguida, é importante examinar por que apareceram especialmente Moisés, que para os israelitas representava a lei, a ordenação escrita, e Elias, em nome dos profetas ou médiuns, tendo sido o maior deles. Entenderemos o propósito da espiritualidade, quando, ao final do fenômeno, os dois desaparecem, só fica Jesus, e uma voz diz: *Este é o meu filho amado. A ele escutai*. Anunciava, assim, a espiritualidade superior que a mensagem de Jesus substituíra os ensinamentos anteriores e a eles se sobrepunha, era uma nova e mais

avançada revelação. Não obstante tão clara afirmativa que o evangelho registrou, ainda há quem fique preso a Moisés e Elias, em vez de seguir a Jesus.

A derradeira manifestação espiritual junto a Jesus

Jesus, no Horto das Oliveiras, estava em agonia moral, por sentir que seria rejeitado e que aquele povo continuaria em sua ignorância, gerando sofrimentos para si mesmos, quando ele, amorosamente, desejaria libertá-los dessa cegueira espiritual. Então, *apareceu-lhe um anjo do céu que o confortava* (Lc 22:40/46). A partir daí, Jesus parece ficar sozinho. Estaria? Jamais! É que era o seu tempo de testemunho e realização pessoal, quando cada qual precisa ficar só e agir por si mesmo. Quando, médiuns ou não, parecer que estamos abandonados pela espiritualidade, entendamos que é a hora de nosso testemunho, teste decisivo, realização pessoal.

Manifestações de Jesus como espírito

Após a morte de seu corpo, Jesus ressurge, reaparece em espírito e por várias vezes se manifesta neste mundo a alguns de seus discípulos: a Madalena e a outras mulheres que o seguiam, aos discípulos reunidos em casa ou à margem do mar de Tiberíades e, enfim, a uma grande multidão. Com manifestações assim e ao longo de 40 dias, solidificou a fé dos discípulos na imortalidade e na comunicação com os espíritos. Então, “ascendeu aos céus”, em meio a uma “nu-

vem”, que nada mais era que o ectoplasma se diluindo, ao final do fenômeno de sua materialização.

Não se diga que todos estes fenômenos aconteceram com Jesus por ser ele o filho de Deus nem, como erroneamente querem alguns, por ser talvez o próprio Deus.

Felizmente, deixou o evangelista João consignada a promessa de Jesus: *Quem crê em mim, como diz a escritura, do seu interior correrão rios de água viva*. Isto ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber os que nele cressem (Jo 7:38). Em quem crê em Jesus, começa um intercâmbio oculto, um constante fluxo de correntes mentais e de fluidos, mais acentuado nos que são médiuns. O evangelista coloca no futuro “haveriam de receber”, porque o Espírito ainda não fora dado, pois Jesus ainda não tinha sido glorificado. Sua glorificação espiritual viria como resultado do pleno cumprimento de sua missão, ressurgiria glorioso e com maiores poderes, que teria adquirido por justo merecimento, para realizar novas e mais amplas tarefas. Então, concluída a primeira parte do programa preparatório, o Espírito seria dado, as manifestações espirituais seriam generalizadas e intensificadas, como, de fato, ocorreu no Dia de Pentecostes, após a morte e ressurgimento de Jesus e ficou como marco da cobertura espiritual com que seus seguidores iriam trabalhar.

Jesus e a mediunidade dos discípulos

Ainda em vida, Jesus já utilizava a mediunidade de seus discípulos e os orientava em sua prática.

Certa vez, enviados de dois em dois para o serviço na seara, setenta e dois discípulos voltaram alegres porque “os demônios” se lhes submetiam, mas Jesus os alertou: *Não vos alegréis porque os espíritos se vos submetam, alegrai-vos antes, por estarem os vossos nomes escritos no céu.* (Lc 10:17/20)

E os estimulava a confiar no intercâmbio: *Se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai Celestial o Espírito Santo (um bom espírito) àqueles que lho pedirem.* (Lc 11:1/13)

Alentou-os para quando fossem levados perante as autoridades: *não cuideis de como, ou o que haveis de falar; porque naquela hora vos será dado o que haveis de dizer. Porque não sois vós que falais mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós* (Mc 13:11). Um bom espírito em nome Deus os envolveria e falaria por eles.

Orientou-os quanto ao uso da mediunidade, como na passagem em que Tiago e João, indignados porque os samaritanos não quiseram acolher Jesus, propuseram: *Queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?* Respondeu Jesus: *Não sabeis de que espírito sois, porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las* (Lc 9:51/56), ensinando que a faculdade mediúnica só deve ser empregada para a prática do bem, para ajudar a humanidade.

Em outra oportunidade, João comentou com Jesus sobre alguém: *expulsava espíritos em teu nome; proibi-*

mos, porque não nos segue, ao que Jesus recomendou não proibirem, a agirem sem intolerância, porque *Quem não é contra nós é por nós.* (Mc 9:38/50; Lc 9:49/50)

Várias vezes alertou Jesus aos discípulos sobre os falsos profetas (Mt 7:15/23) e, ao final de sua missão, falando sobre o “fim dos tempos” (Mc 13:1/13 e Lc 21:5/19) explicou: *Hão de surgir falsos profetas (falsos porta-vozes, médiuns falsos ou infiéis) e enganarão a muitos. Guardai-vos deles. Pelos seus frutos os conhecereis.* Esses falsos profetas, no juízo final, alegariam: *Não profetizamos em teu nome? Expelimos demônios, fizemos muitos milagres?* Mas Jesus lhes responderia: *Nunca vos conheci. Afastai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.* Esclarece Allan Kardec, que falsos profetas não são apenas os encarnados, pois existem falsos profetas na erraticidade. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXI, item 10)

Os cristãos e a mediunidade

Cristãos! Quantos fenômenos de manifestação espiritual as páginas do Evangelho nos oferecem! Nelas, a revelação insistente de que somos seres espirituais e nossa vida é, de fato, imortal! Os que chamamos “mortos” vivem na espiritualidade! E o intercâmbio com eles, através da mediunidade, é canal de comunicação necessário e útil, que providencial e misericordiosamente Deus estabeleceu para consolo, esclarecimento e ajuda à Humanidade, tanto encarnada como desencarnada.

Exercitemos esse intercâmbio sublime, com respeito, disciplina e sincera religiosidade. Que revelações preciosas e sublimes obteremos, trazidas do mais Alto pelos mensageiros do Senhor, para nos iluminarem o entendimento e felicitarem a nossa existência!

Espíritas! Somos cristãos que, além de conhecer o Evangelho, já temos podido exercer o intercâmbio mediúcnico e nos beneficiado das informações dos bons Espíritos.

De posse desse melhor conhecimento e experiência, que resultados estamos apresentando na vida? Seremos como as cidades impenitentes, de que nos fala Mateus?

Então, começou ele a lançar em rosto às cidades onde se operara a maior parte dos seus feitos admiráveis, o não se haverem arrependido: *Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! E tu, Cafarnaum, porventura serás elevada até o céu? Até o Hades descerás* (lugares inferiores no plano espiritual) (Mt. 11:20/24), porque se em outras cidades se tivessem operado os fenômenos que ali se operaram, há muito elas se teriam arrependido, modificado seus atos. E no dia do Juízo, na época da avaliação, haveria menos rigor para com as cidades ignorantes do que para com elas, que tinham recebido tantas demonstrações.

Espíritas! O Espiritismo, esta sublime, abençoada doutrina, restaurou-nos o Evangelho em sua verdadeira essência, com a maior simplicidade, e abriu-nos o intercâmbio com o Além, que tanto nos esclarece e alenta.

De posse de tantos recursos e tanta luz, que estamos fazendo? Amamos cada vez mais a Deus e ao próximo? Somos no mundo, no lar, na seara espiritual, trabalhadores, justos, virtuosos, humildes e fraternos? Ou prosseguimos orgulhosos, egoístas, preguiçosos, iníquos, desregrados como as cidades impenitentes, como se da realidade e sublimidade da vida espiritual, nada tivéssemos visto nem ouvido?

De que adiantam os fenômenos mais notáveis se não houver aproveitamento, progresso moral? Não nos esqueçamos de que *a quem mais foi dado, mais será pedido*.



Com mais de 50 anos de atividades ininterruptas na seara espírita, Therezinha Oliveira já presidiu o Centro Espírita "Allan Kardec" e a USE de Campinas/SP.

Oradora brilhante, proferiu mais de duas mil palestras em todo o Brasil e até nos EUA.

É autora das sete obras (uma em co-autoria) da Coleção Estudos e Cursos, adotada com sucesso em diversas Casas Espíritas espalhadas pelo país e por aqueles que desejam sistematizar o estudo da Doutrina.

Destacam-se ainda na sua produção: Ante os que Partiram, Deixem-me Viver, Reencarnação é Assim..., Suicídio? Um Doloroso Engano, Chegando à Casa Espírita, Espiritismo – a Doutrina e o Movimento, Na Luz do Espiritismo, Na Luz do Evangelho, Parábolas que Jesus Contou e Valem para Sempre e Jesus, o Cristo.

Suas obras já ultrapassaram a marca de 600 mil exemplares publicados, sendo 200 mil de livros e 400 mil de livretos.

Por sua experiência, conhecimento, ativa dedicação e fidelidade aos postulados espíritas, Therezinha Oliveira continua a contribuir de forma inestimável para a causa espírita.

Este livro foi composto na tipografia Goudy Old Style, em corpo 13 e impresso em papel Chamois Bulk 80g/m² e Cartão Supremo 250g/m², no processo Offset com CTF, pela Lis Gráfica e Editora Ltda. - Guarulhos (SP), em janeiro de 2007, para a Editora Allan Kardec - Campinas (SP).